

Universidade de Brasília
Departamento de Filosofia
Aluna: Marcia Cristina Borges de Barros
Matrícula: 01/14057

O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS
UTILIZANDO CONTOS DE FADAS
Monografia de Graduação em Bacharelado e Licenciatura em Filosofia

Professor Orientador: Pedro Gontijo
1º Semestre de 2011

Sumário	Página
1 – Introdução.....	3
2 - As dificuldades vistas como fatalidades.....	9
3 - Estimular a curiosidade e a investigação.....	10
4 - Roteiro para discussão filosófica sobre “João e Maria”.....	13
5 - Análise psicológica do conto “João e Maria”.....	19
6 - E se a criança sentir muito medo?.....	21
7 - A proposta não é fazer terapia com as crianças.....	23
8 - Conflitos edípicos nos contos de fadas.....	24
9 - Análise psicológica do conto “Branca de Neve”.....	26
10 - Roteiro para discussão filosófica sobre “Branca de Neve”.....	29
11 - Animismo e necessidade infantil de mágica.....	34
12 - O moralismo dos contos de fada é uma influência negativa?.....	38
13 - A busca pelo significado.....	44
14 - Necessidade de ouvir várias vezes a mesma estória.....	46
15 - Comentários e interpretações livres antecedem o debate filosófico...	47
16 - Os pressupostos psicanalíticos e as necessidades infantis.....	57
17 - Não revelar à criança porque ela gosta de um conto.....	58
18 - Contos como obras de arte.....	64
19 – Limitações.....	65
20 – Conclusão.....	66
21 – Bibliografia.....	76

O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS UTILIZANDO CONTOS DE FADAS

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral - a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas **familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adéqua o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo.** É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida (BETTELHEIM, 1980, p. 16, sem grifo no original).

1 - Introdução

O que me motivou a propor o uso dos contos de fadas para ensinar filosofia para crianças foi o desejo de aliar uma abordagem multidisciplinar em que fosse possível unir filosofia, psicologia e literatura. Os contos de fadas estão repletos de temas filosóficos que podem ser trabalhados em sala de aula e, ao mesmo tempo, proporcionam às crianças o contato com uma literatura de boa qualidade que costuma atraí-las bastante. Mas deixo claro que estou me referindo apenas às versões originais dessas histórias, que vem sendo contadas

há séculos e sobreviveram até hoje justamente por que abordam questões que atraem muito as crianças.

Vivemos em um país muito desigual, onde a maioria das crianças não tem acesso a uma educação de qualidade. São, em geral, oriundas de famílias pobres, cujos pais também não frequentaram a escola por muito tempo, e quando são alfabetizadas têm grande dificuldade de entender um texto. Muitas continuam por vários anos como analfabetas funcionais e, infelizmente, acabam por abandonar os estudos quando, na adolescência, a falta de motivação alia-se à necessidade econômica de procurar um emprego.

Ao pensar nessa abordagem multidisciplinar para a educação infantil e o ensino fundamental, quis que, junto com a reflexão filosófica, essas crianças pobres pudessem ter também um incentivo para gostar de ler. Na maioria das vezes elas só são apresentadas a um texto quando estão se debatendo para decifrar o alfabeto e suas combinações fonéticas, ao contrário das crianças das classes média e alta, que costumam ouvir histórias lidas pelos pais desde pequenas. No caso daquelas que não tiveram acesso à leitura em casa, o esforço do processo de alfabetização é muito maior, já que raramente é associado ao prazer de descobrir mundos encantados para onde a imaginação pode viajar.

Proponho que os professores passem a ler essas histórias para elas com assiduidade na educação infantil e no ensino fundamental. Como essas leituras são bastante motivadoras, acredito que o processo de alfabetização será bem mais estimulante. Depois de juntarem letras, sílabas e palavras, elas perceberão com muito mais facilidade o sentido das orações do que se nunca tivessem sido apresentadas antes ao prazer de ouvir um bom texto.

Na minha experiência de ler contos de fadas para crianças pequenas, pude observar que elas pedem com insistência inúmeras repetições da mesma história, e dão a impressão, com esses pedidos, que estão procurando resolver alguma charada. É como se tivessem a intuição de que o texto encerra um segredo que elas acabarão por descobrir ouvindo-o várias vezes e que nele

encontrarão significados importantes para suas vidas, para compreenderem melhor o mundo, as pessoas e seus próprios sentimentos.

Segundo Bruno Bettelheim, os contos possuem todos os requisitos que uma boa estória necessita ter para enriquecer a vida da criança:

estimular-lhe a imaginação; ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam” (BETTELHEIM, 1980, p. 13).

A vantagem dessas histórias para ensinar filosofia é que elas possibilitam um contato inicial com temas que foram, tradicionalmente, motivo de reflexão filosófica, mas em um contexto mágico e lúdico. O prazer de partilhar as aventuras vividas pelos personagens é um motivador para se discutir alguns dilemas existenciais, sem que essa discussão chegue a ameaçar a criança emocionalmente, pois é a história do herói ou da heroína que será escrutinada, e não a dela. Assim ela pode tomar distância da situação em foco e discuti-la de forma mais objetiva do que faria se falasse da sua própria experiência de vida.

Na infância é que estabelecemos nossos padrões morais e descobrimos as regras sociais e culturais. Ainda sem conhecermos direito o terreno onde estamos pisando nem para onde ele nos levará, vamos construindo relacionamentos e buscando nos inserir em diversos grupos: família, amigos, escola, vizinhos, etc. Usamos como modelo de comportamento os nossos pais, irmãos, parentes, colegas, professores e babás.

Com os instintos ainda indomados, as crianças procuram referenciais a sua volta que possam ajudá-las a serem aceitas nesses grupos, mas sem terem que abrir mão de seus desejos. Em termos psicanalíticos, podemos dizer que o ego em formação tenta encontrar um equilíbrio entre as exigências do id (os instintos) e do superego (as normas familiares e sociais). Na maioria das vezes, no entanto, o que ocorre durante essa aprendizagem é uma paulatina perda da autonomia, pois como elas estão ainda em formação, os adultos pensam que

são incapazes de agir com discernimento e sabedoria se não forem constantemente monitoradas e controladas.

Nesse processo de controle, em que geralmente a vontade das crianças é anulada e ignorada, é muito pequena a distância que separa o cuidado natural que pais e professores têm com a educação de mentes ainda em formação, da opressão que exercem para moldá-las à sua maneira. Como crianças precisam de afeto e não possuem ainda uma identidade formada, deixam-se modelar facilmente pelos seus instrutores e, na medida em que crescem, perdem a autonomia de agir e pensar segundo seus próprios valores. E junto com a liberdade de refletir e decidir sem a tutela dos adultos, vão embora também a vivacidade, curiosidade, originalidade e criatividade da infância. O contato com suas verdadeiras emoções torna-se mais difícil na medida em que a socialização exige a repressão de grande parte delas, e esse processo pode provocar grande frustração e o sentimento de que suas vidas não têm muito sentido.

Para redescobrir esse sentido, a criança precisa reconectar-se consigo mesma e buscar maneiras de agir no mundo que sejam compatíveis com seus anseios. Ao identificar-se com os personagens, naquilo em que os dilemas, emoções e experiências deles têm de parecido com os seus, ela alcança, em parte, esse objetivo, pois, por meio deles, consegue enxergar de forma mais objetiva e racional suas próprias emoções e dificuldades. Essa compreensão da natureza humana vai ajudá-la a colocar ordem no seu mundo interior, saber melhor quem é e o que quer.

Um dos aspectos positivos do uso dos contos de fadas para uma abordagem filosófica é que eles colocam para as crianças imagens claras, simples e diretas de grande parte dos conflitos que ocorrem nas relações humanas e dos sentimentos e inquietações que eles suscitam. Mostram situações da existência dos indivíduos e das coletividades que geram dúvida, angústia e perplexidade e, por isso, sempre provocaram a reflexão dos filósofos, como a morte, as rivalidades e guerras, a escravidão, o abandono, as

desigualdades sociais, etc. Dessa maneira, por meio dos personagens e suas ações na história, elas identificam um grande leque de possíveis comportamentos e sentimentos que ocorrem em várias circunstâncias da vida, inclusive na delas, e se deparam com temas e questões existenciais próprios da condição humana que seriam de difícil compreensão se lhes fossem explicados através de longas narrativas e descrições psicológicas.

Com imagens e enredos simples, os contos de fadas ilustram, em poucas palavras, a opressão e a privação da liberdade, o amor, a amizade, o ciúme, a rivalidade, lealdade, traição, coragem e inúmeros sentimentos e atitudes que podem ser discutidos filosoficamente e utilizados para compreender conceitos como bem e mal, beleza, justiça e toda uma gama de atributos que foram motivo de reflexão filosófica ao longo dos séculos.

Mas por que privilegiar a abordagem de temáticas existenciais na infância? Primeiro porque compreendendo melhor a natureza humana (até mesmo em situações que ela ainda não vivenciou, mas que já pode avaliar graças aos exemplos que encontra na literatura), conhecendo e aceitando seus próprios sentimentos (o que ela alcança pela identificação com os personagens), a criança adquire maturidade emocional e passa a confiar mais em si mesma. Isso a fortalece no momento de defender seus pontos de vistas e dá-lhe mais autonomia na relação com seus pares e, principalmente, com os adultos, que, de forma geral, tentam lhe impor sua própria maneira de ver a vida.

As reflexões filosóficas sobre os sentimentos e atributos próprios da condição humana, cujos exemplos seriam extraídos dos contos de fadas, podem produzir um efeito terapêutico na medida em que preparam a criança para lidar com situações que ela ainda desconhece, pela sua idade e falta de experiência. Não se deve, no entanto, confundir efeito terapêutico com propósito terapêutico, pois as discussões filosóficas serão baseadas em histórias fictícias, e não na vida e experiência da criança.

Refletir sobre a condição humana faz parte do processo de crescimento de cada pessoa e na infância as perplexidades, dúvidas e inquietações relativas

a esse tema são muito mais pungentes do que na idade adulta, porque a criança sente-se, muitas vezes, oprimida e injustiçada. Ela é, em geral, obrigada a comportar-se de acordo com regras que não entende e não sabe por que deve obedecer. Busca razões e explicações para ter que aceitar um comportamento que lhe está sendo imposto, mas raramente essas razões lhe são apresentadas com profundidade e argumentos convincentes. Ao invés de serem persuadidas pela inteligência, caso em que lhes seria dada a oportunidade de discordarem e propor suas próprias alternativas, são intimidadas pela autoridade dos adultos e obrigadas a enquadrar-se na norma geral. Aos poucos, vão deixando de lado suas convicções e passam a acatar ordens sem discuti-las. Essa violência que os adultos cometem contra as crianças faz com que muitas delas se tornem passivas, submissas, sem iniciativa e deixem de questionar o porquê das regras sociais e culturais que são obrigadas a obedecer. Perdem, com o tempo, seu caráter revolucionário e contestador, deixam de ser inquisitivas e adaptam-se docilmente ao sistema de valores vigentes porque se sentem impotentes para transformá-lo ou ignorá-lo. Essa é uma das razões que me levam a propor que elas sejam estimuladas a debater as questões existenciais que mais as preocupam. Esses debates podem ajudá-las a adquirir autonomia e acreditar que, com bons argumentos e boas perguntas, são capazes de desconstruir discursos autoritários e arrogantes.

E quais seriam as questões que interessam às crianças debater? Grande parte dessa pesquisa foi baseada no livro de Bruno Bettelheim, “Psicanálise dos contos de fadas”, no qual o autor aponta vários aspectos importantes do processo de crescimento infantil e como eles estão subjacentes ao enredo dessas histórias. No meu entender, devemos levá-los em consideração quando procuramos estabelecer os temas que podem, de fato, interessar às crianças.

Com base em sua experiência como psicanalista, Bettelheim nos ensina que, para realmente compreendê-las, devemos aprender um pouco mais sobre a visão que elas têm do mundo, como, por exemplo, o pensamento animista, que faz com que enxerguem intencionalidade, sentimento e inteligência nos

objetos e animais. Ao longo desse trabalho, procuro mostrar algumas características psicológicas das crianças, assim como dúvidas e inquietações próprias do processo de crescimento que são tratadas pelos contos de fadas e que poderiam ser levadas em conta na escolha dos temas para a reflexão filosófica no ensino fundamental e na educação infantil.

Os contos de fadas clássicos da literatura universal fascinam as crianças e tratam de temas muito familiares à Filosofia, como amor, justiça, coragem, verdade, liberdade, bondade, amizade, beleza, tempo, identidade pessoal e tantos outros. Com eles conseguiríamos provocar discussões sobre questões que, de fato, interessam aos alunos mais jovens, principalmente aqueles na faixa etária dos quatro aos 11 anos de idade.

2 - As dificuldades vistas como fatalidades

Os contos de fadas podem estimular as crianças a refletirem a respeito de temas que elas teriam o maior prazer em abordar pelos benefícios imediatos que as discussões trariam às suas vidas, como, por exemplo, a forma de encararem as dificuldades cotidianas. Uma das características dos contos de fadas apontadas por Bruno Bettelheim (1980, p.) é que o herói (ou heroína) sempre é ameaçado(a) ou corre grande perigo, e aceita as ameaças sem questioná-las. É como se elas fossem inevitáveis.

A fada amaldiçoa a Bela Adormecida e não há nada que se possa fazer para impedir que a maldição aconteça. Branca de Neve não se pergunta por que a rainha a persegue com tanto ciúmes, e os pais de Rapunzel não questionam porque deveriam entregá-la à feiticeira, simplesmente a entregam. A madrasta promove as filhas à custa de Cinderela e não sabemos por que o pai da heroína permite que a mulher humilhe tanto a sua filha.

Uma das razões da grande atração que os contos exercem sobre as crianças, segundo o psicanalista, é que estas também encaram suas dificuldades como fatalidades, e ficam, em geral, imobilizadas e impotentes

diante delas porque não sabem como agir para superá-las. Bettelheim afirma que é assim que as crianças vêem a vida, mesmo quando nada ocorre de anormal. Elas não encontram explicação para o fato de períodos de calma serem interrompidos, inesperadamente, por grandes perigos como, por exemplo, quando os pais lhes fazem exigências e ameaças que parecem totalmente irrazoáveis e sem sentido. Nessas ocasiões elas entram em desespero, como alguns heróis das histórias, ou tentam fugir de tudo, como fez Branca de Neve: "A pobre menina estava tão desesperadamente sozinha na vasta floresta e tão aterrorizada... que não sabia o que fazer para se ajudar. Começou a correr e a correr sobre pedras pontiagudas e pelos espinheiros" (BETTELHEIM, 1980, p.).

. Considero que essa visão fatalista das crianças será atenuada na medida em que elas passarem a refletir sobre todas as suas possibilidades de reação diante das dificuldades. Isso pode ser feito a partir do debate filosófico com base nas estórias e seus personagens.

3 - Estimular a curiosidade e a investigação

As crianças são muito curiosas e as aulas de filosofia desde a educação infantil e o ensino fundamental poderiam contribuir para mantê-las com esse espírito investigativo até a idade adulta, embora esta não seja uma tarefa fácil, pois a curiosidade acaba, cedo ou tarde, sucumbindo diante das constantes críticas que recebem dos adultos por fazerem perguntas demais.

Lipman também constatou essa perda dolorosa que acontece com quase todas elas:

Seja qual for o ambiente familiar, elas chegam à escola com os olhos brilhantes, curiosas e dispostas a aprender. Entretanto, por volta do terceiro ano, a curiosidade de muitas crianças começa a desaparecer e, depois de aproximadamente metade de sua vida escolar, elas começam a suspeitar que são obrigadas a ir à escola não porque isso seja bom para elas, mas simplesmente para que tomem conta delas e as preparem para o mercado de trabalho (LIPMAN, 1997, p. 31/32).

É muito triste que a educação das crianças, ao invés de incentivá-las a questionar e investigar o porquê das coisas, acabe abafando isso nelas, matando, principalmente, a originalidade e criatividade que possuem. Como elas adoram sonhar e viajar nas asas da imaginação, então por que não acompanhá-las no mundo mágico da fantasia para, a partir dele, extraírem os significados que buscam para suas vidas?

Mas, que significados as crianças procuram? Segundo Lipman (1997, p.37), elas têm dúvidas sobre problemas específicos do estágio de crescimento pelo qual estão passando e também sobre outros que são comuns a todos os seres humanos. Perguntam, por exemplo, sobre a própria identidade, o que devem fazer com seus próprios desejos e emoções, porque devem ir à escola, como o mundo começou e como pode acabar, etc.

Ele acrescenta que, embora relutem em falar sobre seus problemas, muitas crianças gostariam de discuti-los dentro do contexto de ficção dos contos de fadas, onde podem ser tratados com um maior distanciamento.

Por exemplo, tomemos o que o jargão da psicologia identifica como “rivalidade entre irmãos”. Muitas vezes, crianças de uma mesma família que não se dão bem são incapazes de discutir esses problemas entre si. Mas elas adorariam ler contos de fadas sobre princesas que são irmãs e que não se dão bem, ou sobre príncipes da mesma família real que são rivais na disputa pelo amor paterno. De certo modo, o problema é aliviado quando visto como parte de uma história que começa com “Era uma vez...” (LIPMAN, 1997, ps. 37 e 38).

Apesar de ensinarem pouco sobre a vida moderna, os contos de fadas falam dos problemas interiores dos seres humanos e ajudam a criança a se conhecer e encontrar respostas para seus dilemas existenciais. Alguns poderiam indagar se cabe à filosofia orientá-las nessa busca ou se não seria esse um papel da psicologia. Penso que não há nada que nos impeça de unir os conhecimentos das duas disciplinas para ajudar as crianças a encontrarem mais sentido em suas vidas. Afinal, a busca do autoconhecimento não era também um ideal de Sócrates?

Além disso, diz Sócrates, devemos conhecer a nós mesmos, conhecer nossas vidas. Isto é, é necessário que saibamos qual é realmente nosso objetivo na vida; [...] Essa investigação intelectual começa com os assuntos do maior interesse para cada um de nós: o que mais vale a pena na vida e que bons argumentos existem para sustentar a ideia de que essas coisas são realmente mais importantes? É necessário reconhecer como prioritário o interesse do indivíduo em obter um melhor controle da sua própria vida, pois não há melhor incentivo que ver nossa vida se aperfeiçoar com o nosso pensar sobre ela (LIPMAN, 1997, p. 12)

A motivação provocada pelos contos de fadas é muito grande porque as crianças adoram as histórias que as transportam para um mundo mágico. Elas sentem necessidade de sonhar e fantasiar e essas histórias fantásticas, onde tudo acaba bem e os heróis vivem felizes para sempre, depois de superar todos os perigos e obstáculos, tem um grande poder de encorajamento e recuperação. Se a partir delas pudermos iniciar uma reflexão filosófica, teremos as crianças bastante mobilizadas para o debate.

Mas, quando falo em usar os contos como instrumento pedagógico, não quero propor doutrinação moral das crianças, nem que devemos interpretá-los didaticamente para procurar extrair seus significados explícitos e implícitos. Nem é essa a intenção de Bettelheim (1980, p.189) ao recomendá-los, pois ele próprio adverte que se tivermos uma finalidade específica que não seja a de enriquecer a experiência da criança, o conto torna-se admonitório ou uma fábula, que buscam ensinar lições de moral. Nesses casos, ele falará apenas à mente consciente da criança, perdendo um dos seus grandes méritos, que é o de atingir também o inconsciente dela.

Segundo o psicanalista, detalhar os significados do conto destrói o seu valor, que é justamente o de ter significados em muitos níveis. Só a criança saberá quais deles são importantes para ela naquele momento e, na medida em que cresce, descobrirá novas facetas da obra. Mas isto só ocorrerá se ela não ouviu uma narrativa didática do assunto e pôde descobrir espontânea e

intuitivamente os significados ocultos e adaptá-los para si (BETTELHEIM, 1980, p. 205/206).

Mas, se não é para explicar os contos nem destrinchar seus significados didaticamente, então de que forma eles poderiam ser utilizados no ensino da filosofia para crianças?

A ideia é retirar da estória alguns temas para a reflexão filosófica que vão ao encontro das expectativas que ela gerou nas crianças. E para isso é preciso observar os comentários e as reações emocionais delas enquanto ouvem o conto e o interpretam.

Suponhamos, para exemplificar, que fôssemos trabalhar filosoficamente o conto João e Maria. Como a situação dos personagens, abandonados pelo pai e a madrasta na floresta, gera nos ouvintes medo e preocupação com relação ao destino que terão, pode-se escolher a coragem como tema do debate.

Escrevi um pequeno texto para mostrar como poderíamos encaminhar a questão, uma espécie de roteiro para ajudar o professor a pautar a discussão. Algumas das reflexões que faço nele, provavelmente, serão feitas pelas próprias crianças durante o debate, mas lembro que se trata apenas de uma sugestão, e não precisaria ser seguida se, por acaso, a discussão enveredasse para outra direção.

4 - Roteiro para discussão filosófica sobre “João e Maria”

As crianças ouvem o pai e a madrasta conversando sobre as dificuldades financeiras que atravessam e esta convence o marido de que o melhor a fazer é levar os filhos para a floresta e deixá-los lá, pois não têm mais como alimentá-los.

Após a leitura do conto, o professor deve deixar que os alunos comentem a estória e observar o que mais os impressionou. Essas reações, muitas vezes, podem ser observadas mesmo durante a leitura, quando expressões faciais,

perguntas e comentários já mostram o que estão sentindo e dão um norte para o professor escolher o caminho a seguir depois da leitura e das interpretações.

O medo do abandono vivido pelos personagens provavelmente encontrará uma grande empatia nas crianças. Poderão também sentir raiva da madrasta, que convence o pai a abandoná-los. Temos aí um pai que resolve abrir mão dos filhos porque não teve coragem de discordar da mulher e fazer valer seu ponto de vista, que era o de manter as crianças em casa, mesmo com todas as dificuldades.

Os alunos, provavelmente, também estarão, ao longo da narrativa, inquietos e preocupados em saber como João e Maria conseguirão sobreviver na floresta sem comida e uma casa para servir-lhes de abrigo. De um lado um pai covarde e uma madrasta malvada e, de outro, duas crianças desamparadas no meio de uma floresta ameaçadora. Para coroar a tragédia, elas ficam prisioneiras de uma bruxa que pretende fazer João engordar para depois comê-lo.

Como lutar contra tantos perigos? Não podem contar com o pai, a madrasta quer vê-los pelas costas e a bruxa faz Maria de empregada e quer assar João para depois comê-lo. Aonde buscar ajuda, senão em si mesmos? João engana a bruxa, fazendo-a acreditar que continua magro ao mostrar-lhe sempre um osso de galinha, em vez do seu dedo. Maria consegue empurrar a bruxa para dentro do forno e libertar o irmão (GRIMM, 2008, p. 287)

. O que salvou as crianças? Como conseguiram vencer a bruxa e voltar para casa carregados de pérolas e pedras preciosas, resolvendo assim os problemas financeiros da família?

Será possível que toda criança tenha força dentro de si para enfrentar perigos tão grandes e vencer inimigos tão poderosos como a bruxa malvada que queria comê-las? De onde veio a ideia de Maria de jogar a bruxa no forno? Será que se seu pai estivesse ao seu lado ela teria tido tanta coragem? Será que não

teria esperado pacientemente que ele encontrasse a solução para livrá-los daquele perigo, já que ela era apenas uma menina frágil e indefesa?

De onde vem a coragem que às vezes aparece em nós quando mais precisamos dela e menos acreditamos que a iremos encontrar? Será que toda criança, por ser ainda muito pequena, só consegue defender-se de um perigo se alguém mais velho vier em seu socorro? É claro que não devemos nos colocar em situações perigosas, mas, se por ventura essas situações acontecem, como encontrar dentro de nós a coragem que Maria encontrou para empurrar a bruxa?

Algo muito forte ajudou Maria a enfrentar uma inimiga tão poderosa. O que foi? O que ela estava fazendo naquele momento? Não era preparando o forno onde seu irmão seria assado? Que monstro era aquela bruxa, capaz de cozinhar uma pobre criança indefesa para comê-la, sendo que na floresta poderia caçar animais para se alimentar? Será que a coragem de Maria não nasceu da forte indignação que ela sentiu contra aquela mulher malvada que queria comer seu irmão?

De onde brota a coragem? Quando somos capazes de achar a coragem dentro de nós para nos defender de um grande perigo? Maria encontrou a dela quando viu que se não tomasse uma atitude ela morreria, e o irmão seria a próxima vítima. Que sentimentos ela teve antes de empurrar a bruxa? Será que foi apenas a indignação pelo que a velha queria fazer? Bastou ter raiva da bruxa para a coragem aparecer?

Será que a coragem nasce do medo e da raiva apenas? Ou ela precisa também de um pouco de sangue frio e de raciocínio? Quando pede para a bruxa lhe mostrar como fazer para verificar se o forno está bastante quente, ela, apesar do medo, foi inteligente e planejou essa estratégia para poder empurrar a bruxa para dentro dele.

No momento em que Maria percebeu que era isso que a bruxa faria com ela, caso fosse verificar o forno, teve a ideia de pedir para a malvada lhe mostrar primeiro como fazer isso, e usou contra a bruxa a mesma arma que esta planejava usar contra ela.

Então, Maria sentiu medo, raiva, mas também pensou de forma inteligente na maneira de se livrar da bruxa. Será que encontramos a coragem sempre quando sentimos medo, raiva e, ao mesmo tempo, usamos nossa inteligência para pensar em uma maneira de nos salvar das ameaças? O que é a coragem? Quando precisamos dela em nossas vidas? Para que ela serve? Será que é apenas para nos defender de ameaças e perigos? Que outras situações em nossas vidas exigem de nós que tenhamos coragem? Será apenas o medo que exige uma atitude corajosa? Que outros sentimentos ou estados d'alma exigem de nós encontrar coragem?

Essas perguntas devem mobilizar as crianças a responderem sobre o que entendem por ser corajoso(a) e em quais situações elas precisam ter coragem.

Será que em outros momentos de nossas vidas precisamos ser corajosos, sem que haja um perigo como esse? Por que será que nos munimos de coragem quando temos que lutar contra outros sentimentos como, por exemplo, a preguiça, o desânimo, o sofrimento, o desespero?

Será que só a coragem pode nos ajudar a sair de uma grande tristeza? O que é a coragem e como fazemos para tê-la quando precisamos? Será que a coragem é um sentimento que tem autonomia e vem quando ela quer? Ou será que nós é que a trazemos conforme a nossa vontade?

Às vezes estamos tão desanimados que nem temos vontade de ter coragem. Pensamos só em permanecer desanimados, pois o desânimo é maior do que a vontade de lutar contra ele, não é mesmo? Então como fazer para que a coragem venha nos ajudar a vencer o desânimo?

O que fazer para ter mais coragem que desânimo? Alguma parte em nossas mentes tem que fazer uma opção e decidir o que queremos para nós naquele momento. E essa parte é a razão, aquela que pondera, põe na balança o que é melhor para nós e o que realmente queremos para o nosso bem estar. Se a razão não for chamada também, o desânimo, ou a tristeza, ou o sofrimento podem nos dominar por um tempo maior do que o que gostaríamos.

Tem uma parte em nós que é bem inteligente, e essa parte sabe que tipo de atitude devemos tomar em algumas situações. Essa parte inteligente é a razão e se ela sabe que uma bruxa vai nos empurrar dentro do forno se nos debruçarmos sobre ele, como a bruxa mandou que Maria fizesse, então nossa razão, que além de inteligente é também muito rápida, pensa, em questão de segundos, que vai é dizer para bruxa que não sabe como ver se o forno está aquecido, e pedir a ela que nos mostre. Essa estratégia para se livrar da bruxa foi traçada pela razão e executada pela coragem de Maria, que não a deixaram ter medo de empurrar a bruxa, mesmo sendo apenas uma criança.

Há riscos a correr em algumas situações de nossas vidas que exigem coragem, e só sabemos se podemos correr esses riscos se aliarmos a razão à coragem, pois, muitas vezes, não basta ter coragem. Uma coragem burra pode por nossas vidas em perigo. Por exemplo, não adianta ter coragem para atravessar uma rua fora da faixa de pedestres quando vemos que vem vindo um carro em nossa direção. É preciso, nessa hora, que a razão nos diga que precisamos ir para a faixa, fazer sinal para o carro parar e só depois que vemos que ele reduziu a velocidade e está parando nós tomamos coragem para atravessar.

Do que adianta uma coragem desmiolada? Ela nos leva a fazer bobagens e a correr riscos que podem nos prejudicar. Mas quando a coragem está de mãos dadas com a razão, então podemos ser fortes e nos livrar de sentimentos que estão nos fazendo mal, como o medo, a tristeza, a preguiça, o desespero, e tantos outros que só vão embora quando trazemos, ao mesmo tempo, a coragem e a razão.

A coragem não é usada apenas em casos extremos, como para nos impedir de morrer, como ia acontecendo com Maria, que quase foi empurrada pela bruxa para dentro do forno. Tem horas que a coragem faz muita falta para sermos felizes. Quais são esses momentos? Em que situações a coragem é importante para que nossa vida faça sentido?

Um dia de sol, com uma manhã bonita, e estamos com preguiça de sair da cama e ir para fora brincar com nossos amigos. Então ficamos em casa sem coragem para fazer nada, enquanto podíamos estar brincando, jogando bola, nos divertindo. Faltou coragem, e por isso nos privamos de algumas alegrias só por causa da preguiça.

Outro dia perdemos num jogo e ficamos tristes. Achamos que não fazia mais sentido continuar jogando porque queríamos ganhar e não conseguimos. Então vem a tristeza e vamos embora. Faltou coragem e razão para mandar a tristeza embora, e assim aproveitar mais o prazer de jogar. Afinal, quando jogamos temos tanto prazer quanto quando ganhamos, não é mesmo? Então porque trocar esse prazer pela tristeza de ter perdido? Se deixarmos a tristeza nos dominar, abandonamos o jogo e voltamos para casa tristes, quando ainda podíamos estar nos divertindo.

A coragem é amiga da razão. Elas juntas podem nos fazer muito bem, mas a coragem sem razão nunca é amiga. Por exemplo, se resolvemos brigar por um motivo bobo, só para mostrar que somos corajosos, e com isso deixamos um amigo triste e magoado conosco, então a coragem foi boba, e não estava acompanhada da razão. Ela pode nos fazer perder um amigo se não tivermos o cuidado de usá-la junto com a razão.

Ser corajoso nem sempre é fácil, mas usar a coragem sem refletir também não é a solução. Ela acaba nos fazendo mais mal do que bem. O importante é que a coragem seja amiga da razão. Só assim elas podem nos ajudar a sair de dificuldades, evitar sofrimentos inúteis e manter os amigos que valem a pena.

Essas reflexões podem ser levadas para o debate, mas não apenas como contribuição do professor. Com perguntas feitas às crianças, elas próprias podem chegar a essas conclusões e a muitas outras, pois são exímias em encontrar respostas surpreendentes para as perguntas que lhes fazemos.

Bettelheim faz uma análise sobre os efeitos terapêuticos que esse conto, João e Maria, pode trazer para as crianças, e que vão ocorrer de forma

inconsciente, na medida em que elas fantasiam sobre as relações da estória com suas vidas. Deixo claro que essa análise do psicanalista, que resumirei a seguir, não é para ser levada às crianças pelo professor, pois seria invadir a privacidade delas e provocaria um efeito contrário ao esperado, pois os significados a que Bettelheim se refere serão encontrados pela própria criança, de acordo com seu estágio de desenvolvimento e necessidades internas.

Não cabe ao professor usar essas informações para, por exemplo, achar que deve doutrinar os alunos no sentido de que se tornem mais independentes dos pais. Não é isso que estou propondo. O que pretendo é apenas dar às crianças a oportunidade de conhecerem essa literatura de qualidade (refiro-me à versão original dos contos) e aproveitá-la para motivar uma discussão filosófica a partir de temas que possam ser extraídos da estória, mas não quero transformar a sala de aula em um consultório psicológico nem o debate em catequese. Caso o professor tente fazer pela criança o trabalho de encontrar o sentido que o conto tem para ela, estará dando um cunho moralista à estória e tirando dela todo o potencial lúdico e terapêutico.

5 - Análise psicológica do conto “João e Maria”

Segundo Bettelheim (1980, p.195) a mãe representa a fonte de toda a alimentação para os filhos e o fato de ela abandoná-los na floresta por não ter mais como alimentá-los evoca a ansiedade e decepção que as crianças sentem quando não têm mais todas as suas solicitações orais atendidas. Elas passam então a acreditar que a mãe as rejeitou ou se tornou egoísta, e como necessitam dos pais, tentam voltar para casa depois de abandonadas. Como ainda não têm coragem para afastar-se dos pais e tornarem-se mais independentes, a única iniciativa das crianças é tentar voltar à condição de passividade e permanecer dependente, mas em "João e Maria" essa estratégia não funciona.

Para o psicanalista, a estória de "João e Maria" mostra a ansiedade e aprendizagem porque passa a criança pequena, que precisa sublimar seus desejos e aprender a se libertar deles, pois os pais ou a sociedade a forçarão a fazê-lo contra sua vontade, assim como a mãe para de amamentar o filho quando sente que chegou o momento.

Este conto dá expressão simbólica às experiências internas diretamente ligadas à mãe. Por conseguinte, o pai permanece uma figura apagada e ineficaz através da estória, como aparece à criança durante sua vida inicial, quando a mãe é toda importante, tanto nos aspectos benignos como nos ameaçadores (BETTELHEIM, 1980, p. 196).

A casinha de biscoito de gengibre da bruxa é uma imagem atraente e tentadora para a voracidade oral à qual as crianças gostariam de retornar e, de acordo com Bettelheim, depois que se familiarizam com "João e Maria", elas compreendem, pelo menos inconscientemente, que no início a bruxa é como uma boa mãe, pois

ela os tomou pela mão, e levou-os para dentro de sua casinha. Então colocou bons alimentos diante deles, leite e panquecas com açúcar, maçãs, e nozes. Depois cobriu duas lindas caminhas com lençóis brancos e limpos, e João e Maria se deitaram, e pensaram estar no céu (BETTELHEIM, 1980, p. 199).

Só na manhã seguinte surge um rude despertar destes sonhos de bem-aventurança infantil. "A velha só fingira ser tão amável; na realidade era uma bruxa malvada"

Para o psicanalista, a mesma frustração e ansiedade tomam conta da criança durante o estágio edípico de desenvolvimento ou, antes dele, quando fica desapontada com a mãe por ela não mais atender aos seus desejos e necessidades de forma integral e ainda fazer-lhe novas exigências. Ela imagina que a mãe, que a nutriu e amou de forma incondicional, só fez isto para enganá-la - como a bruxa da estória (BETTELHEIM, 1980, p. 199).

É como se a experiência na casa da bruxa tivesse ajudado João e Maria a livrarem-se das fixações orais e a contar mais com a própria inteligência para

resolver seus problemas. Antes de serem deixados na floresta eram crianças dependentes e um fardo para os pais, mas quando voltam para casa, com os tesouros que encontraram na casa da bruxa, tornam-se o esteio da família. Segundo o autor, estes tesouros representam a independência de pensamento e ação e a autoconfiança que adquiriram com aquela aventura. A estória também sugere às crianças que, como os irmãos João e Maria, elas podem contar com a ajuda e compreensão dos companheiros da própria idade e depender menos dos pais.

A criança em idade escolar frequentemente ainda não pode imaginar que um dia será capaz de enfrentar o mundo sem os pais; por esta razão deseja agarrar-se a eles além do ponto necessário. Precisa aprender a confiar que algum dia dominará os perigos do mundo, mesmo na forma exagerada em que seus medos os retratam, e que se enriquecerá com isto (BETTELHEIM, 1980, p. 200).

Bettelheim (1980, p. 201) explica que a criança, pela sua imaturidade, exagera de maneira fantástica os perigos existenciais e que o conto "João e Maria" a encoraja a explorar as invenções de sua imaginação ansiosa, porque lhe transmite a confiança de que poderá controlar não apenas os perigos reais, mas também os imaginários.

Para o psicanalista, as crianças acreditam em bruxas até a idade em que não precisam mais dar aparência humana às suas apreensões. Por meio dessas estórias elas se livram de figuras persecutórias da imaginação e ganham muito com a experiência, como João e Maria.

Uma bruxa forjada pelas fantasias ansiosas da criança, persegue-a; mas uma bruxa que ela pode empurrar para dentro de seu próprio fogão para que morra queimada é uma bruxa da qual a criança pode se livrar (BETTELHEIM, 1980, p. 202).

6 - E se a criança sentir muito medo?

Ler ou contar contos de fadas para crianças é algo que vem sendo feito há séculos, e mesmo nas escolas eles são contados, principalmente na

educação infantil, e costumam despertar grande interesse nos alunos. No entanto, se o professor observa que uma estória causa muita ansiedade ou medo, cabe a ele interrompê-la e lembrar às crianças que não se trata de uma estória real. Feito isso, ele dá a elas a opção de escolherem se querem continuar ouvindo-a ou não.

Mas, em geral, as crianças só sentem muito medo se forem contagiadas pela emoção do narrador. Por isso, se o pai ou professor sente que uma determinada estória o deixa muito ansioso e angustiado, é melhor não contá-la, pois a criança perceberá que o adulto se sente ameaçado de alguma forma e que, portanto, aquela ameaça não existe apenas na ficção. Nesse caso, cabe ao adulto se perguntar por que a estória mexeu tanto com ele e o que há de real, na sua história pessoal, por traz daquele medo.

Aos que temem que essas estórias possam provocar muita ansiedade por causa dos monstros, bruxas malvadas e personagens amedrontadores que surgem na narrativa, Bettelheim afirma que impedir a criança de prestar atenção ao seu inconsciente ou de ouvir estórias que falam sobre ele não vai fazê-la conquistar a racionalidade.

Os que baniram os contos de fadas tradicionais e folclóricos decidiram que, havendo monstros numa estória narrada à criança, deveriam ser todos amigáveis - mas se esqueceram do monstro que a criança conhece melhor e com o qual se preocupa mais: o monstro que ela sente ou teme ser, e que algumas vezes a persegue. Mantendo este monstro dentro da criança, sem falar dele, ou escondido no inconsciente dela, os adultos impedem-na de elaborar fantasias em torno da imagem que conhecem dos contos de fadas (BETTELHEIM, 1980, p. 151).

Bettelheim acredita que as fantasias que a criança faz sobre a estória ajudam-na a conhecer melhor seus sentimentos destrutivos e a controlá-los, pois dando forma e corpo às suas ansiedades fica mais fácil vencê-las.

Ele reconhece que algumas estórias podem trazer ansiedade para as crianças, mas que, à medida que elas se familiarizam com os contos de fadas, vão perdendo o medo e passam a sentir prazer por conseguir encarar e dominar

uma ansiedade. Percebem que outras pessoas também têm emoções e fantasias destrutivas como as suas e isso lhes alivia o medo. Além do mais, os contos de fadas sempre têm um final feliz, o que acalma e reassegura a criança de que conseguirá superar todas as suas dificuldades.

... os contos de fadas são amados pela criança não porque as imagens que encontra neles estejam conforme ao que se passa dentro dela, mas porque - apesar de todos os pensamentos raivosos e ansiosos de sua mente, aos quais o conto de fadas dá forma e conteúdo específicos - estas estórias têm sempre um resultado feliz, que a criança não pode imaginar por conta própria (BETTELHEIM, 1980, p. 154).

7 - A proposta não é fazer terapia com as crianças

Quando Bettelheim fala que um dos grandes méritos dos contos de fadas é atingir o inconsciente da criança e eu me proponho a utilizá-los para ensinar filosofia, acreditando que provocarão, ao mesmo tempo, um efeito terapêutico positivo nelas, não estou preconizando que os professores façam terapia com os alunos nem que as discussões filosóficas sejam pautadas nas emoções inconscientes deles, que por ventura venham à tona durante as discussões.

O efeito terapêutico se dá de forma inconsciente ou pré-consciente, pois as crianças vão fantasiar internamente, traçando paralelos entre suas vidas e a do herói da estória, mas isso ocorre sem que haja interferência do professor. A discussão filosófica não será baseada nessas fantasias das crianças, pois, como disse, elas acontecem, em geral, de forma quase inconsciente e as crianças sequer são capazes de expressá-las claramente. O debate será pautado nos temas que podemos extrair do conto, como amor, lealdade, justiça, coragem, etc., e que motivarão a criança justamente porque ela já estabeleceu uma ligação emocional com os personagens.

Ela poderá falar sobre eles sem falar de si própria. Enquanto lhe interessar defender o herói, por identificar-se com ele, ela o fará, mas também poderá tomar distância dele e analisar racionalmente seu comportamento, sem

se sentir atingida, pois a estória se passa na terra do nunca, e tudo aquilo que possa ser criticado no comportamento do herói (mesmo que parecido com o comportamento dela), não a ameaçará. Ela tem a defesa psíquica de dizer a si mesma: “isso só acontece em contos de fadas, mas não na vida real”, e assim proteger-se do incômodo de emoções e desejos que não pode aceitar a nível consciente.

[...] qualquer que seja o conteúdo de um conto de fadas - que pode correr paralelo às fantasias particulares da criança, sejam estas edípicas, vingativamente sádicas ou depreciativa dos pais -, pode-se falar abertamente sobre ele, porque a criança não necessita manter secretos seus sentimentos sobre o que se passa no conto de fadas ou sentir-se culpada por gostar desses pensamentos (BETTELHEIM, 1980, p. 73).

Para ficar claro do que estou falando quando digo que esse efeito terapêutico não depende da atuação do professor e que o processo de identificação da criança com os personagens ocorre a nível pré-consciente e sem perigo algum à sua integridade psíquica, vamos dar como exemplo a ajuda que os contos de fadas trazem para a resolução dos conflitos edípicos.

8 - Conflitos edípicos nos contos de fadas

No conflito edípico, o menino sente que o pai o impede de receber a atenção exclusiva da mãe e gostaria, de alguma forma, de tirá-lo do seu caminho. Mas esta ideia, ao mesmo tempo, provoca ansiedade nele, porque também necessita da proteção do pai e tem medo que ele descubra seu ciúme.

O conto de fadas ajuda a criança a viver com esse conflito ao sugerir fantasias que ela não poderia inventar por si mesma. Por exemplo, apresenta a estória do menino que parte para o mundo, mata dragões, resolve charadas e sobrevive graças a sua esperteza e bondade até conseguir libertar a linda princesa, casar-se com ela e viver feliz para sempre.

Um menino sempre se vê neste papel principal. A estória implica que: não é o pai aquele cujo ciúme impede você de ter mamãe com exclusividade, é um dragão malvado, e o que você na

verdade deve ter em mente é matar o dragão. Além disso, a estória dá um cunho de veracidade ao sentimento do menino de que a mais desejável das mulheres está presa por uma figura malvada, enquanto implica que não é a mãe que a criança deseja para ela, mas uma mulher maravilhosa e magnífica que ainda não encontrou, mas de certo o fará (BETTELHEIM, 1980, p. 141/142).

O matador do dragão é sempre um jovem inocente e identificando-se com ele a criança pode, por procuração, sentir-se orgulhosa, como o herói, e livrar-se da culpa que tem por suas fantasias edípicas. “Como na maioria dos contos de fadas, o ideal do menino é apenas que ele e sua princesa (mamãe), com todas as suas necessidades e desejos satisfeitos, vivam juntos um para o outro e para sempre” (BETTELHEIM, 1980, p. 142).

Segundo o psicanalista, os problemas edípicos da menina são diferentes, e as estórias de fadas que a ajudam a enfrentar o conflito mostram uma mulher mais velha e de más intenções, muitas vezes uma madrasta ou bruxa, que a impede de ter uma existência feliz com o pai. Mas a menina também não pode abrir mão do amor da mãe e por isso os contos mostram sempre uma boa mulher no passado da heroína, a mãe verdadeira que morreu e de quem ela guarda uma boa lembrança.

A menina deseja ver-se como uma jovem linda - uma princesa ou semelhante - que está presa pela figura feminina malvada e egoísta, e por conseguinte sem acesso ao homem amante. O pai real da princesa cativa é retratado como benevolente, mas incapaz de vir em socorro de sua filha adorável. Em "Rapunzel" é uma promessa que o bloqueia. Em "Cinderela" e "Branca de Neve" ele parece incapaz de se defrontar com a madrasta todopoderosa (BETTELHEIM, 1980, p. 142/143).

Enquanto o menino edípico acredita que só a força bruta do dragão impede a linda princesa (mamãe) de se reunir ao jovem herói (ele), nas estórias de fadas que ajudam a menina edípica a compreender seus sentimentos são os ciúmes intensos da madrasta (mãe) ou da feiticeira que impedem o amante de encontrar a princesa. “Este ciúme demonstra que a mulher mais velha sabe que

a moça é a preferida, mais amável, e mais merecedora de ser amada” (BETTELHEIM, 1980, p. 142/143).

De acordo com a interpretação do psicanalista, ao mesmo tempo em que ajudam as crianças a vencerem a angústia edípica, os contos de fadas permitem que elas gozem as satisfações edípicas na fantasia e tenham boas relações com os pais. Isso acontece porque o menino projeta suas frustrações e ansiedades em gigantes, monstros, ou dragões, e a menina pode dividir a mãe em duas figuras: a mãe boa e maravilhosa, da fase pré-edípica, e a madrasta malvada edípica. Enquanto ela se mantém leal à primeira, sua culpa pelos ciúmes que sente da segunda diminui.

Para o menino edípico, se a mãe o decepciona, existe a princesa do conto de fadas no fundo de sua mente - aquela mulher maravilhosa do futuro que compensará todas as labutas presentes, e cuja lembrança torna mais fácil suportar estes esforços. Se o pai dá menos atenção à filha do que ela deseja, ela pode suportar esta adversidade porque chegará um príncipe a quem ela preferirá mais do que a todos os outros rivais. Como tudo ocorre numa terra do nunca, a criança não precisa se sentir culpada ou ansiosa de projetar o pai no papel de um dragão ou de um gigante malvado, ou a mãe no papel de uma madrasta ou bruxa miserável (BETTELHEIM, 1980, p. 144/145).

Para tornar mais clara a forma como um conto de fadas pode amenizar o conflito edípico vivido pela criança, citarei as explicações dadas por Bettelheim para o caso concreto de Branca de Neve. A intenção é a mesma que me levou a apresentar a análise psicológica do conto João e Maria: demonstrar que as fantasias infantis se passam a nível inconsciente e que, portanto, não é necessário que o professor atue como psicólogo para que o conto produza um efeito terapêutico na criança.

9 - Análise psicológica do conto “Branca de Neve”

Segundo Bettelheim (1980, p. 241), os contos de fadas normalmente começam com situações de impasse na vida da criança, como, por exemplo, a

pobreza dos pais de João e Maria e a dificuldade que têm para alimentar os filhos. Em "Branca de Neve" o problema é a relação da madrasta com a heroína.

De acordo com o psicanalista, a criança sente-se muito só e procura escapar da existência triádica (pai, mãe e filho) quando sua posição na família torna-se problemática para ela ou para os pais. Essa situação de crise é simbolizada, em alguns contos de fadas, pelos momentos em que

o herói tem de procurar, viajar, e sofrer vários anos de existência solitária antes de estar preparado para encontrar, salvar e reunir-se a outra pessoa numa relação que dá significado permanente às duas vidas. Em "Branca de Neve" são os anos que passa com os anões que representam o período de dificuldades, de elaboração dos problemas, seu período de crescimento (BETTELHEIM, 1980, p. 241).

Embora a mãe de Branca de Neve tenha morrido quando ela nasceu, nada de ruim lhe aconteceu durante os primeiros anos de sua vida. A mãe substituta só se transformou em uma típica madrasta de contos de fadas depois que Branca de Neve fez sete anos. A partir de então começou a sentir ciúmes dela e, em seu narcisismo, a buscar confirmação da sua beleza no espelho mágico. Nada sabemos sobre a vida de Branca de Neve ou sua relação com o pai antes de ela ser perseguida pela madrasta, mas é possível supor que a causa da rivalidade entre as duas tenha sido a competição pelo amor dele. Por isso os problemas edípicos - fonte provável do conflito da estória - ficam a cargo de nossa imaginação.

O conto de fadas costuma narrar os acontecimentos pela perspectiva do herói, que em geral é uma criança, e como o ouvinte se identifica com Branca de Neve, ele enxerga os fatos pela visão dela, e não pelo ponto de vista da rainha. Para a menina o amor que ela sente pelo pai e que ele sente por ela é a coisa mais natural do mundo, e o único problema é ele não amá-la bastante, preferindo-a a todos os demais. "Por mais que deseje que o pai a ame mais do que à mãe, a criança não aceita que isto produza ciúmes dela na mãe" (BETTELHEIM, 1980, p. 243).

Segundo Bettelheim (1980, p. 243), em nível pré-consciente a criança sente ciúmes quando os pais prestam atenção um ao outro e ela deseja esta atenção para si. Como quer ser amada pelos dois, é muito ameaçador para ela imaginar que o amor de um deles por ela possa causar ciúmes no outro. “Quando este ciúme - como no caso da rainha em "Branca de Neve" - não pode ser ignorado, então é preciso encontrar alguma outra razão que o explique, o que na estória é atribuído à beleza da menina”.

O psicanalista explica que, em geral, o ciúmes de um dos pais pelo amor que o outro dedica à criança é pequeno e controlável, não chegando a ser uma ameaça ao relacionamento do casal, a não ser que a relação conjugal seja ruim ou um dos pais seja muito narcisista. Mas a criança, além de ter ciúmes da relação dos pais, também gostaria de ter os mesmos privilégios que eles têm como adultos.

Quando o cuidado terno e amoroso do pai do mesmo sexo não é bastante forte para formar laços positivos mais importantes com a criança edípica, naturalmente ciumenta, e com isso colocar o processo de identificação trabalhando contra esse ciúme, então este domina a vida emocional da criança. Como uma madrasta (mãe) narcisista é uma figura inadequada para se relacionar ou se identificar com Branca de Neve, se esta fosse uma criança real não poderia deixar de ter intensos ciúmes da mãe e de todas suas vantagens e poderes. Se uma criança não pode se permitir a sentir ciúmes dos pais (isto é muito ameaçador para sua segurança), projeta seus sentimentos neles. Então "Eu tenho ciúmes de todas as vantagens e prerrogativas de Mamãe" transforma-se no pensamento: "Mamãe tem ciúmes de mim". O sentimento de inferioridade é transformado defensivamente num sentimento de superioridade”(BETTELHEIM, 1980, p. 243).

Bettelheim, (1980, p. 244) explica que a competição entre pais e filhos torna a vida em família insuportável e faz com que a criança deseje “libertar-se e livrar-se do pai que a força a competir ou a submeter-se”. Como este sentimento lhe traz muita culpa, para revertê-la a criança projeta nos pais seu sentimento:

Assim, nos contos de fadas são os pais que tentam livrar-se dos filhos, como em "Branca de Neve".

Em "Branca de Neve", como em "Chapeuzinho Vermelho", sempre aparece um homem que pode ser encarado como uma

representação inconsciente do pai — o caçador que recebe ordens de matar Branca de Neve, mas em vez disso salva-a. Quem senão um pai substituto poderia aparentemente aquiescer ao domínio da madrasta e, no entanto, pelo bem da criança, ousa contrariar a vontade da rainha? É o que a menina edípica ou adolescente deseja acreditar sobre o pai: que, mesmo que ele fizesse o que a mãe lhe ordena, tomaria o partido da filha se fosse livre, como o fez (BETTELHEIM, 1980, p. 244).

10 - Roteiro para discussão filosófica sobre “Branca de Neve”

A seguir apresentarei um exemplo de como seria possível trabalhar filosoficamente esse conto. A maldade da rainha é algo que provavelmente impressionará as crianças, e por isso escolhi analisar o comportamento dela, perguntando primeiro o que estaria por trás dos seus crimes.

A inveja é o primeiro tema tratado, e isso porque é um sentimento humano muito compreensível, mas que pode degenerar para o crime, se for alimentado de forma doentia. Proponho que as crianças reflitam sobre as nuances desse sentimento e o compare ao roubo, quando o que está por trás da inveja não é apenas a admiração e o desejo de ser como o outro, mas também a intenção de destruí-lo ou privá-lo das qualidades que possui. Como o ladrão que rouba os bens materiais de sua vítima, a invejosa rainha acreditou que, com seu crime, possuiria a beleza de Branca de Neve, o que não tem a menor lógica.

O segundo tema colocado em discussão é a beleza. Achei-o importante porque é o que motiva a inveja da rainha e os crimes que cometeu (embora Branca de Neve não tenha sido assassinada em nenhuma das duas tentativas da rainha, só não o foi por um acaso e por isso podemos dizer, sim, que houve crime, mesmo que o enquadrássemos como tentativa de homicídio). Ela manda matar Branca de Neve porque não suportava a ideia de que sua enteada fosse mais bela do que ela e, além de tentar eliminá-la, comeu o que pensou serem os seus órgãos, acreditando que com isso ficaria tão bela quanto ela.

A ideia é discutir sobre inveja, a ética da rainha, beleza e se esta última pode ser compatível com a maldade. É possível ainda refletir sobre a validade de castigos cruéis, como o imposto à madrasta, a tortura e pena de morte.

O roteiro que fiz é apenas o resumo de um provável debate e das conclusões a que as crianças poderão chegar ao responderem as perguntas que faço. Isso não significa que eu pretenda impor essas perguntas e conclusões aos alunos nem impedir que discordem delas. Se elas parecem moralizantes, é porque considero difícil debater ética com crianças sem passar-lhes alguns valores nos quais acredito e dos quais suponho que elas também necessitam para sua formação moral.

Esse conto poderia ser trabalhado filosoficamente estimulando as crianças a refletirem sobre o que se passou na mente da madrasta para querer matar Branca de Neve. O que a levou, primeiro, a mandar matá-la e a pedir que lhe trouxessem seu fígado e pulmão como prova de que ela estava morta? E segundo, por que quando soube que ela continuava viva, tomou a forma de uma camponesa e a envenenou com uma maçã?

Qual era o grande medo da madrasta? Por que ela temia tanto que Branca de Neve fosse mais bonita do que ela? Por que não podia se conformar com a beleza da enteada? Que sentimentos levaram-na a cometer tantas maldades?

A inveja por Branca de Neve ser mais bonita do que ela fez a rainha mandar assassinar uma criança inocente e depois comer o que ela pensou que fossem seu fígado e pulmão. Naquela época se acreditava que comendo a carne de uma pessoa seria possível adquirir todas as suas qualidades.

A inveja é um sentimento comum entre as pessoas, pois sempre admiramos certas qualidades nos outros que gostaríamos também de possuir. Mas, enquanto ter inveja daqueles que admiramos é um sentimento compreensível e humano, tentar prejudicar quem é digno da nossa admiração, por medo de que ele seja melhor do que nós ou tenha o que não possuímos, não pode ser considerado um comportamento normal e digno. Quando a

rivalidade chega ao ponto de motivar um crime contra o rival, então a inveja deixa de ser aceitável e tolerável. E foi o que aconteceu com a rainha.

Que qualidade Branca de Neve tinha que a rainha esperava ganhar comendo seu fígado e pulmão? Era a beleza de Branca de Neve que a rainha queria para si, e por isso comeu os seus órgãos achando que assim ficaria tão bela quanto ela. Mas mesmo se tivesse conseguido matá-la, será que ganharia alguma coisa com isso? O mal que cometeu trouxe-lhe alguma beleza a mais? O fato de que com a suposta morte de Branca de Neve ela passou a ser a mais bela de todas as mulheres, deixou-a realmente mais bela do que era antes, ou apenas eliminou a rival que lhe despertava tanta inveja? Matar Branca de Neve faria alguma diferença na sua beleza? Continuaría como era antes ou se tornaria mais bela?

É possível ganhar mais beleza destruindo o outro que é mais belo? Um ladrão pode roubar o carro ou dinheiro de uma pessoa e, se não for preso pela polícia, até poderá ficar com aquilo que roubou. Mas quando a inveja leva uma pessoa a querer ter as qualidades físicas, morais ou intelectuais de alguém, o invejoso tem como roubar essas coisas do invejado, como faz o ladrão? Será que o invejoso pode roubar a beleza, a bondade, a cultura e a inteligência de outro?

Tem coisas que o invejoso não consegue roubar, como faz o ladrão, e como sabe disso, tenta prejudicar aquele de quem tem inveja. Mas pode alguém ser belo quando tem um coração tão cheio de maldade, como a madrasta da Branca de Neve? Pode uma pessoa tão má ser considerada bela? O que é a beleza? É apenas uma qualidade física? Ou depende também do nosso caráter, das nossas atitudes e da forma como tratamos as pessoas a nossa volta?

Como ficou a beleza dessa madrasta depois que ela mandou matar Branca de Neve? Será que alguém ainda poderia dizer que a rainha era bela depois de ter cometido um crime tão horrível? Será que ser belo é apenas ter um corpo bonito? Basta ter lindos olhos, cabelos, pele e traços perfeitos para ser uma linda pessoa? Os sentimentos também não contribuem para tornar uma

pessoa bela? Afinal, eles transparecem nas nossas feições. Quando alguém está com muito ódio e olhamos para sua fisionomia, é quase impossível achar a pessoa bela. Temos, ao contrário, desejo de nos afastar para não ver sua feiura.

Beleza e amor são qualidades que atraem, mas o ódio e a maldade provocam tanta repulsa que fazem qualquer pessoa tornar-se feia, por mais lindos que sejam seus traços fisionômicos. A beleza e a maldade não podem conviver, não são amigas, uma exclui a outra. Matando Branca de Neve, a rainha quis tornar-se a mais bela de todas as mulheres, mas tornou-se má, e sua maldade acabou com sua beleza.

Essas questões sobre beleza e caráter podem ser exploradas com as crianças, para que definam os conceitos de acordo com a ideia que fazem do que sejam qualidades físicas e morais, beleza do corpo e da alma, sentimentos de bondade e maldade, e se é possível conjugá-los de forma aleatória e manter, ainda assim, o conceito de belo para quem é mau. Se aceita essa última combinação, o belo então seria restrito ao aspecto físico? Nesse caso que valor ele teria? Seria algo tão almejável e importante para nossa felicidade?

A ideia é relativizar um pouco a importância exagerada que se dá em nossa sociedade aos atributos físicos e o pouco valor que se atribui às qualidades morais quando se julga apressadamente as pessoas. Alguém pode se tornar belo aos nossos olhos, embora fisicamente não o seja, em virtude de ter um excelente caráter, e outro, que a primeira vista nos atrai pela beleza física, acaba mostrando-se uma pessoa repulsiva pela baixaza de seus sentimentos e atitudes.

O mal provocado pela madrasta não foi suficiente para exterminar Branca de Neve porque o amor do príncipe a salvou. Ela parecia morta, mas o príncipe ficou tão apaixonado por sua beleza que convenceu os anões a deixarem-no levar o caixão. Seus servidores, que carregavam o esquife nos ombros, tropeçaram em um toco e o esquife balançou tanto que o pedaço envenenado de maçã que Branca de Neve havia comido saltou fora da sua garganta, onde

estava atravessado. Foi assim que ela acordou e pôde ser feliz com o príncipe (GRIMM, 2011, p. 367).

A rainha foi castigada calçando sapatos de ferro em brasa e dançando até morrer (GRIMM, 2011, p. 369). Seria justo castigar uma mulher tão cruel com uma morte também cruel? O que merecem os maus? Precisamos puni-los com a mesma crueldade que usaram para conosco? Não estaria esse castigo cruel sendo tão horrível e desumano quanto os crimes cometidos pela rainha contra Branca de Neve?

Concordo com Bettelheim quando ele diz que as crianças não gostam quando os maus ficam impunes, porque isso deixa nelas o medo de que nem sempre a justiça será feita, mas o tipo de castigo dado à rainha pode ser um pretexto para discutir direitos humanos. E para isso é preciso que o conto esteja na sua versão original. Comprei um livro (“Irmãos Grimm – Contos de Fadas”, da editora Iluminuras) que estava anunciado como sendo a versão integral, mas os contos foram censurados, pelo tradutor ou pelo editor. Em vez de morrer por calçar sapatos de ferro em brasa, a rainha apenas cai doente e morre. O lobo mal, em Chapeuzinho Vermelho, que na versão original morre depois que Chapeuzinho enche sua barriga de pedras, também tem morte natural no livro da Iluminuras. A versão censurada de Rapunzel omite o fato de que ela teve dois filhos do príncipe, gerados enquanto ela ainda estava presa na torre e, portanto, antes de se casarem. Em Cinderela, omite-se o castigo dado às duas irmãs da heroína, que foram bicadas nos olhos pelos pássaros e ficaram cegas. Mas voltemos à discussão sobre Branca de Neve.

Aonde pode chegar a crueldade de uma pessoa se ela sabe que nada a impedirá de continuar destruindo os seus inimigos? É justo colocar um freio nessa crueldade? Como fazê-lo sem que nos tornemos tão cruéis quanto o criminoso que queremos punir? É justo matar uma pessoa que cometeu o crime de assassinato?

Pode ser feita também uma discussão sobre vingança e justiça, pena de morte e tortura e o quanto essas práticas ainda são aceitas em vários países, apesar de bárbaras e desumanas.

Embora não haja pena de morte no Brasil, a tortura de presos pela polícia continua existindo e praticamente não desperta indignação da sociedade. Por isso a importância de se questionar essa ideia tão disseminada no país, mesmo entre pessoas de bem, de que bandido não tem direitos.

Como procurei demonstrar, a discussão filosófica não entrou nos aspectos psicológicos mais íntimos da criança. Não se falou em conflito edípico, nem que a possível causa da rivalidade da rainha com Branca de Neve fosse uma disputa pelo amor do marido, o que aproximaria demais a discussão da rivalidade entre mãe e filha na vida real. Os temas filosóficos foram tratados de forma geral, sem aproximações com o que eles possam representar na vida privada da criança.

11 - Animismo e necessidade infantil de mágica

Bettelheim (1980, p. 59) acredita que o conto de fadas é mais convincente para a criança e proporciona-lhe maior consolo do que os argumentos racionais dos adultos porque imita a maneira animista como a criança pensa e experimenta o mundo. Ela “confia no que o conto de fada diz por que a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua”

No pensamento animista, não só os animais sentem e pensam como nós, mas mesmo as pedras estão vivas; de modo que, ser transformado numa pedra quer dizer simplesmente ter que permanecer silencioso e imóvel por algum tempo. Pelo mesmo raciocínio, é inteiramente natural que objetos até então silenciosos comecem a falar, dar conselhos e juntar-se ao herói nas suas andanças. Já que tudo está habitado por um espírito semelhante a todos os outros espíritos (a saber, o da criança que projetou seu espírito em todas estas coisas), devido a esta inerente similaridade é natural que o homem possa se transformar num animal ou o contrário, como na "Bela e a Fera", ou "O Sapo Rei". Como não há uma linha rígida traçada entre as

coisas vivas e mortas, as últimas também podem se tornar vivas "(BETTELHEIM, 1980, p. 60/61).

Com base em sua experiência como psicanalista infantil, Bettelheim (1980, p. 61) diz que a criança, como os filósofos, busca soluções para questões como: Quem sou eu? De onde vim? Como o mundo passou a existir? Quem criou o homem e todos os animais? Qual é o sentido da vida? Como devo lidar com os problemas da vida? O que serei eu? Mas ela não pensa sobre estas questões de forma abstrata, e sim como as respostas dadas a elas podem afetar sua vida. Por exemplo, quando pensa sobre Justiça, quer saber se ela será tratada justamente, quem ou o que a prejudica e o que pode impedir que isto aconteça. Ou então pergunta se existem outras pessoas boas além de seus pais, se eles são de fato bons, se há esperanças para ela, apesar de ter errado, por que ela errou e o que isso significará para seu futuro, etc. De acordo com Bettelheim, os contos de fadas fornecem respostas a estas questões mobilizadoras, muitas das quais a criança só toma consciência à medida que segue as histórias.

Mas até que ponto seria possível conciliar o mundo mágico e irreal dos contos de fadas com a filosofia, que está sempre em busca da verdade? Pode-se alegar que não há como utilizá-los como apoio para ensinar filosofia porque não mostram a vida como realmente é, e encorajam a criança a viver em um mundo de fantasia. Mas esse não é um risco real, pois a criança sábia sabe que os contos não descrevem a realidade.

Estaria a filosofia disposta a entrar na brincadeira infantil para, a partir daquele mundo de fantasia onde vivem os personagens, acompanhar as crianças nas buscas que fazem para encontrar sentido para suas vidas? Pois para entrar na brincadeira precisaria correr alguns riscos, como o de se deixar levar pela imaginação e fazer de conta que os animais falam, os mortos ressuscitam, fadas madrinhas podem transformar ratos em cavalos e abóboras em carruagem.

Penso que isso não chega a ser um problema, pois, apesar dessas mentiras, os contos de fadas também trazem muitas verdades que, para as crianças, assumem um caráter muito mais convincente justamente por terem sido extraídas de um contexto que lhes parece bem mais familiar: o mundo da imaginação.

Há maior significado profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina. (Schiller, poeta alemão, citado por (BETTELHEIM, 1980, p.14).

Segundo Bettelheim (1980, p. 78), quando a criança se defronta com situações que lhe exigem maior racionalidade, nem sempre ela consegue compreender o “como” e o “porque” dos fatos ou encontrar soluções adequadas porque ainda não possui muito controle sobre seu inconsciente. Em razão das pressões exercidas por suas emoções e conflitos não resolvidos ela perde grande parte de sua habilidade de raciocinar.

Para não ser dominada por ansiedades, medos, desejos, ódios e tendências contraditórias do seu mundo interior ela precisa obter algum controle sobre essas pressões internas. Mas como ainda não é capaz de ordená-las por conta própria, os contos de fadas lhe oferecem figuras nas quais pode externalizá-las: “seus desejos destrutivos em uma bruxa malvada; seus medos, num lobo voraz; as exigências de sua consciência, num homem sábio encontrado numa aventura...” (BETTELHEIM, 1980, p. 81).

Embora Bruno Bettelheim dedique um capítulo inteiro para explicar as diferenças entre o mito e os contos de fadas, recomendando apenas estes últimos para a edificação das crianças, ele lembra que filósofos como Platão, Aristóteles e Mircea Eliade defenderam o uso dessas histórias fantasiosas para a formação das crianças:

Platão - que entendeu possivelmente a formação da mente humana melhor do que alguns de nossos contemporâneos, que desejam suas crianças expostas apenas a pessoas e acontecimentos cotidianos "reais" - sabia o quanto as experiências intelectuais contribuem para a verdadeira humanidade. Ele sugeriu que os futuros cidadãos de sua república ideal comesçassem sua educação literária com a

narração dos mitos, em vez de meros fatos ou os ditos ensinamentos racionais. Mesmo Aristóteles, mestre da razão pura, disse: "O amigo da sabedoria é também um amigo do mito" (BETTELHEIM, 1980, p. 45).

Bettelheim destaca que Mircea Eliade, ao estudar os mitos e contos de fadas do ponto de vista filosófico, descreveu essas estórias como "modelos para o comportamento que dão significação e valor à vida". Eliade sugere que os mitos e contos de fadas simbolizam ritos de iniciação ou de passagem (como a morte metafórica de um velho e inadequado eu e o renascimento em um plano superior da existência) que transmitem significados profundos, e por isso são tão apreciados:

... os cenários iniciatórios - mesmo camuflados como o são nos contos de fadas - exprimem um psicodrama que responde a uma necessidade profunda do ser humano. Todo homem deseja experimentar certas situações perigosas, confrontar-se com provas excepcionais, entrar à sua maneira no Outro Mundo - e ele experimenta tudo isto, no nível de sua vida imaginativa, ouvindo ou lendo contos de fadas. (Eliade, citado por BETTELHEIM, 1980, p. 45)

Bettelheim explica que o herói do conto de fadas pode executar proezas miraculosas e ao identificar-se com ele a criança compensa, em fantasia, as inadequações reais ou imaginárias do seu corpo. A vantagem do conto sobre o mito nesse aspecto é que no final do conto o herói readquire sua identidade verdadeira, que é tão humana quanto a da criança, enquanto o herói mítico mantém as características sobre-humanas para sempre.

A criança pode fantasiar que ela também, como o herói, pode escalar o céu, derrotar gigantes, mudar sua aparência, tornar-se a pessoa mais poderosa ou a mais bonita - em resumo, fazer seu corpo ser e efetuar tudo que uma criança possivelmente poderia almejar. Depois que seus desejos mais grandiosos foram satisfeitos em fantasia, a criança fica mais em paz com seu corpo tal como é na realidade. O conto de fadas até mesmo projeta esta aceitação da realidade para a criança, porque enquanto ocorrem transfigurações extraordinárias no corpo do herói à medida que a estória se desenrola, ele torna-se

novamente um mero mortal quando a luta termina (BETTELHEIM, 1980, p. 73).

12 - O moralismo dos contos de fada é uma influência negativa?

O que Bettelheim e Eliade parecem indicar é que o fato de os contos basearem-se em acontecimentos irreais não deve ser considerado um problema, pois eles não tratam de informações úteis sobre o mundo exterior, e sim sobre nossos processos internos. As histórias sugerem à criança, de forma sutil, como seus conflitos podem ser resolvidos, embora não sejam moralistas como as fábulas, os mitos e os contos admonitórios, que fazem ameaças implícitas para aqueles que não seguem os ensinamentos apreoados.

Algumas pessoas, no entanto, argumentam que as sugestões dos contos de fadas, embora sutis, são também moralistas e interferem negativamente na formação da criança. Acredito que o fato de uma história sugerir comportamentos e atitudes para a solução de problemas que são comuns na infância não significa que tenha, de fato, o poder de influenciar a criança, a não ser que ela sinta uma necessidade interna de seguir aquela sugestão.

O que chamo de necessidade interna é a existência de impasses em sua vida por não ter ainda encontrado modelos a seguir, pessoas a quem admire que possam servir de referência para suas ações. Isso ocorre, geralmente, quando os pais são ausentes e omissos em relação ao afeto e à orientação moral e sentimental que devem dar aos filhos. Nessas situações a criança sente-se só e tende a se deixar influenciar não apenas pelas histórias que ouve ou lê, mas também pelos comportamentos e conselhos de amigos e adultos com quem convive, como babás e professores, ou personagens de novelas, filmes e desenhos animados a que assiste na TV, no cinema ou na internet.

Na falta de referenciais que considerem válidos, é melhor que as crianças encontrem algum na literatura do que nenhum na vida real. Se os pais são participativos, dialogam com elas, ouvem e acolhem com atenção suas dúvidas

e inquietações, não têm porque temer que sejam influenciadas por contos de fadas que julgam moralistas.

Embora muitos contos tragam máximas morais implícitas na trama, não tenho a intenção de utilizá-los para doutrinar as crianças. Entendo que elas devem formar seu próprio código de conduta, mas não quero usar o comportamento dos personagens e a ética sugerida nessas estórias como modelo para elas.

Os contos de fadas, de fato, sugerem padrões de virtude e comportamento, mas não da maneira impositiva como os contos admonitórios, as fábulas e os mitos. Eles mostram como os heróis resolveram suas dificuldades e isso, para uma criança que está em busca de referenciais para saber como deve agir no mundo, é motivo de grande interesse. Daí também a atração que eles exercem sobre ela, pois, com imagens que ela entende facilmente, mostram situações semelhantes às que ela encontra na vida e dão-lhe a esperança de que tudo acabará bem para ela, assim como acontece com os heróis.

Mas será que a criança é incapaz de refletir sobre essas sugestões e chegar a uma opinião própria sobre as escolhas que quer fazer para sua vida? Esse é um dos objetivos do debate filosófico que proponho após a leitura e interpretação das estórias, pois é justamente por não imporem uma conduta, como fazem as fábulas, que os contos de fadas podem ser usados como suporte para discussões éticas e morais. Além disso, seus personagens são criaturas totalmente humanas, com as mesmas falhas, medos e sujeitos às mesmas vicissitudes que todos nós, o que faz com que as crianças possam identificar-se com eles. São criaturas que espelham as virtudes, os vícios e sentimentos humanos que podem fazer parte da reflexão filosófica sobre a existência, como a bondade e a maldade, a sabedoria e a ignorância, o orgulho e a humildade, a coragem e a covardia, a lealdade e a ingratidão, o amor e o ódio, a amizade, a intriga, a inveja e tantos outros.

Que fique bem claro: não admiro os contos de fadas ao ponto de pensar que são bíblias que devam ditar um comportamento ideal às crianças. Mas, por terem sempre um final feliz, eles trazem alívio e esperanças para elas de que, como os heróis e heroínas, também vencerão todos os obstáculos que encontram na vida e serão felizes para sempre. Acho isso bom, porque ajuda a criança a construir confiança na vida e em si mesma.

Pode-se argumentar que na vida real as coisas nem sempre acabam bem como nessas histórias, e que a princesa pode não encontrar o príncipe encantado que a fará a mais feliz das mulheres para o resto dos seus dias. O que importa isso? Talvez um dia a vida lhe mostre que o final de nossas histórias nem sempre é como nos contos de fadas, mas no momento em que ela era bem frágil e indefesa, diante de um mundo que tantas vezes lhe parecia amedrontador, pôde encontrar esperanças e consolo nessas lindas histórias, que a ajudaram a tornar-se uma mulher forte e capaz de lidar com as decepções da existência.

Esse consolo vem, em grande parte, da certeza que a história passa para a criança de que suas dificuldades também terão solução, como aconteceu com os heróis, e que ela nunca será abandonada. Bettelheim (1980, p. 179) diz que um dos maiores medos do ser humano é o do abandono. É o que a psicanálise chama de “ansiedade da separação”. Esse medo da criança, segundo ele, é aliviado pela união do príncipe e da princesa, que simboliza a transcendência da ansiedade da separação pelo encontro do parceiro ideal.

Por ingênuo que pareça, o fato de o príncipe e a princesa se casarem e herdarem o reinado, governando em paz e felicidade, simboliza para a criança a forma mais alta possível de existência porque isto é tudo o que ela deseja para si própria: governar seu reinado - sua própria vida - com sucesso, paz, e numa união feliz com o mais desejável parceiro, que nunca a deixará (BETTELHEIM, 1980, p. 180).

Segundo o psicanalista, dependendo do conto de fadas ou do nível de desenvolvimento a que é dirigido, esse consolo também pode tomar outras formas, como, por exemplo, em “Irmão e Irmã”, em que os personagens

representam os lados animal e espiritual da nossa personalidade que foram separados e devem ser reintegrados, para nossa felicidade. O irmão é transformado em veado, após beber água do riacho que havia sido enfeitiçado por uma bruxa, porque não conseguiu controlar sua sede, mesmo sabendo que a água estava enfeitiçada. Nesse caso, o consolo vem quando ele recupera a forma humana e pode viver feliz para sempre ao lado da irmã. Assim, o final feliz pode representar tanto a integração da personalidade quanto o estabelecimento de uma relação permanente.

Para a criança que gostaria de viver eternamente agarrada à mãe, os contos sugerem que o remédio para escapar da ansiedade da separação é formar uma verdadeira relação interpessoal, mas para encontrar o outro precisa abandonar a dependência infantil.

Só partindo para o mundo é que o herói dos contos de fada (a criança) pode se encontrar; e fazendo-o, encontrará também o outro com quem será capaz de viver feliz para sempre; isto é, sem nunca mais ter de experimentar a ansiedade de separação. O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança - em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente - a abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente." (BETTELHEIM, 1980, p. 19).

Bettelheim alega que hoje as crianças sentem uma maior necessidade de segurança, pois não crescem mais em famílias numerosas ou em comunidades bem integradas. Por isso defende que é importante provê-las

com imagens de heróis que partiram para o mundo sozinhos e que, apesar de inicialmente ignorando as coisas últimas, encontram lugares seguros no mundo seguindo seus caminhos com uma profunda confiança interior. [...] O destino destes heróis convence a criança que, como eles, ela pode-se sentir rejeitada e abandonada no mundo, tateando no escuro, mas, como eles, no decorrer de sua vida ela será guiada passo a passo e receberá ajuda quando necessário. Hoje, ainda mais do que no passado, a criança necessita o reassuramento oferecido pela imagem do homem isolado que, contudo, é capaz de conseguir relações significativas e compensadoras com o mundo a seu redor (BETTELHEIM, 1980, p.19 e 20).

Pode-se argumentar que esta visão talvez reflita apenas a realidade das crianças com problemas emocionais, que procuravam o psicanalista porque necessitavam de ajuda para resolver algum distúrbio psicológico. No entanto, não é apenas o fato de as famílias serem menores e de a maioria da população viver em grandes metrópoles onde os vizinhos mal se conhecem que torna as crianças mais solitárias. Há também outro fator importante da nossa época, que foi a emancipação feminina. Ela levou as mulheres ao mercado de trabalho e fez com que a maioria das crianças de hoje não seja mais cuidada pela mãe. Elas passam grande parte do tempo em creches, com empregadas ou sozinhas diante da TV ou do computador. Não estariam, portanto, também em condições emocionais de identificarem-se com o herói solitário que parte para conquistar o mundo?

Segundo Bruno Bettelheim (1980, p.14), ao colocarem claramente os conflitos existenciais, os contos de fada fazem a criança entender que a luta contra as dificuldades graves da vida é inevitável e faz parte da existência humana, mas “se a pessoa não se intimida e se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa”.

Um exemplo desses conflitos é que muitas estórias de fadas começam com a morte da mãe ou do pai, o que gera problemas bem angustiantes, como isto (ou o medo disto) ocorre na vida real. Os dilemas existenciais são colocados de forma breve, simples e categórica, facilitando o entendimento pela criança. Ao contrário do que acontece em muitas estórias infantis modernas, o bem e o mal são colocados de forma clara e incorporados por alguns personagens e suas ações, deixando explícito o problema moral e a necessidade de resolvê-lo.

Nos contos de fadas, como na vida, a punição ou o temor dela é apenas um fator limitado de intimidação do crime. A convicção de que o crime não compensa é um meio de intimidação muito mais efetivo, e esta é a razão pela qual nas estórias de fadas a pessoa má sempre perde. Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas de o herói ser mais atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a esta identificação a criança imagina que

sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela (BETTELHEIM, 1980, p. 15/16).

Os contos de fadas às vezes parecem mais moralistas do que na realidade são porque eles criam polarizações entre bem e mal para facilitar o entendimento das crianças. Os personagens não são figuras ambivalentes, como as pessoas reais. Eles são bons ou maus, não existe meio termo. “Um irmão é tolo, o outro esperto. Uma irmã é virtuosa e trabalhadora, as outras são vis e preguiçosas. Uma é linda, as outras são feias. Um dos pais é todo bondade, o outro é malvado” (BETTELHEIM, 1980, p. 17).

Segundo Bettelheim, essa justaposição de personagens opostos não visa enfatizar o comportamento correto, como acontece nos contos admonitórios, mas apresentar polarizações de caráter que permitam à criança compreender as diferenças mais facilmente do que se as pessoas fossem retratadas com todas as suas complexidades, como são na vida real.

As ambiguidades devem esperar até que esteja estabelecida uma personalidade relativamente firme na base das identificações positivas. Então a criança tem uma base para compreender que há grandes diferenças entre as pessoas e que, por conseguinte, uma pessoa tem que fazer opções sobre quem quer ser. Esta decisão básica sobre a qual todo o desenvolvimento ulterior da personalidade se construirá, é facilitada pelas polarizações do conto de fadas (BETTELHEIM, 1980, p. 17/18).

De acordo com Bettelheim (1980, p. 18), as escolhas das crianças não se baseiam tanto no que acham certo ou errado, mas na simpatia ou antipatia que os personagens despertam nelas. E costumam identificar-se mais facilmente com os personagens que são simples e diretos. A identificação com o herói não acontece por causa de sua bondade, mas pela sua condição de herói. Segundo o psicanalista, a questão que um garoto se faz não é "Será que quero ser bom?", mas "Com quem quero parecer?". “A criança decide isto na base de se projetar calorosamente num personagem. Se esta figura é uma pessoa muito

boa, então a criança decide que quer ser boa também” (BETTELHEIM, 1980, p. 18).

13 - A busca pelo significado

Tanto Bettelheim quanto M. Lipman insistem na necessidade que as crianças sentem de encontrar um significado para suas vidas, o que, aliás, é uma busca dos adultos de qualquer idade também. Bettelheim afirma que

a aquisição de uma compreensão segura do que o significado da própria vida pode ou deveria ser é o que constitui a maturidade psicológica. E esta realização é o resultado final de um longo desenvolvimento: a cada idade buscamos e devemos ser capazes de achar alguma quantidade módica de significado congruente com o 'quanto' nossa mente e compreensão já se desenvolveram (BETTELHEIM, 1980, p. 11).

E para encontrar significado ele acredita que “devemos desenvolver nossos recursos interiores, de modo que nossas emoções, imaginação e intelecto se ajudem e se enriqueçam mutuamente” (BETTELHEIM, 1980, p. 11).

Enquanto educador e terapeuta, ele constatou que para ajudar as crianças a encontrarem sentido na vida nada é mais importante que a influência dos pais e daqueles que cuidam delas, além da nossa herança cultural, principalmente a literatura. Mas ao analisar as histórias infantis modernas, percebeu que elas não conseguem estimular os recursos de que a criança mais necessita para lidar com seus problemas interiores porque grande parte desses livros busca apenas divertir ou informar, e “são tão superficiais em substância que pouco significado pode-se obter deles” (BETTELHEIM, 1980, p. 12).

Já os contos de fadas, diz o autor, conseguem agradar, instruir e, ao mesmo tempo, ajudar as crianças a resolverem seu problema principal, que é “colocar alguma ordem no caos interno de sua mente de modo a poder-se entender melhor - uma preliminar necessária para adquirir alguma congruência entre suas percepções e o mundo externo” (BETTELHEIM, 1980, 69).

Ele acrescenta que as histórias "verdadeiras" sobre o mundo "real" podem fornecer informações interessantes e úteis, mas não entendem o modo como funciona a mente da criança nem levam em conta as experiências internas dela. Mesmo que extraia alguma coisa delas, a criança

não pode extrair muito significado pessoal que transcenda o conteúdo óbvio. Estas histórias informam sem enriquecer, como infelizmente é também verdadeiro em relação a muito do que se aprende na escola. O conhecimento factual beneficia a personalidade total apenas quando é transformado em "conhecimento pessoal" (BETTELHEIM, 1980, p. 69).

Ele não pretende, com essa crítica, condenar as histórias realistas, pois considera que há lugar para elas também na vida da criança. Recomenda que as histórias realistas sejam combinadas "com uma exposição ampla e psicologicamente correta aos contos de fadas" para que a criança receba informações que falem a sua mente racional e a emocional (BETTELHEIM, 1980, p. 69).

Lipman também destaca a importância de prover as crianças de materiais e oportunidades de onde possam extrair significados para suas vidas, mas ressalva que significado não é algo que possa ser dado a elas:

Os significados que desejam não podem ser dados a elas como as hóstias são distribuídas aos que comungam durante a missa; elas mesmas devem procurá-los por meio do envolvimento no diálogo e na investigação. E isso não é o fim da questão, pois os significados, uma vez encontrados, devem ser cuidados e alimentados como se deve cuidar dos nossos vasos de plantas, nossos animais de estimação ou outros preciosos tesouros vivos. Mas as crianças que não conseguem perceber o significado de suas próprias experiências, que acham o mundo estranho, fragmentado e perturbador, são mais propensas a buscar atalhos para alcançar experiências plenas e eventualmente podem se envolver com drogas ou sucumbir à psicose. Provavelmente poderíamos ensinar as crianças antes que cheguem a tais soluções desesperadas, ajudando-as a encontrar o sentido que falta em suas vidas (BETTELHEIM, 1980, p. 24).

Na sua experiência com crianças, Bettelheim (1980, p.13) percebeu que todas elas preferem os contos de fadas folclóricos às outras histórias infantis, e

atribuiu essa preferência ao fato de eles falarem das lutas interiores que o crescimento pressupõe e oferecerem exemplos de soluções para essas dificuldades. Enquanto as histórias modernas evitam abordar problemas existenciais como a morte, o envelhecimento, os limites da nossa existência, ou o desejo pela vida eterna, os contos colocam essas questões de forma breve e simples, permitindo que a criança entenda a essência do problema.

14 - Necessidade de ouvir várias vezes a mesma história

Quantos adultos têm paciência de repetir cinco, seis vezes seguidas a leitura de um mesmo conto de fadas para uma criança de quatro ou cinco anos, que ainda não foi alfabetizada? Por experiência própria, sei que isso é muito comum acontecer quando lemos para elas. Quando gostam de um conto, querem ouvi-lo várias vezes seguidas, e isso é sinal que estão à procura de uma compreensão mais profunda da história. Para que? Por quê?

Se Bettelheim tem razão quando afirma que elas necessitam dessas repetições para colocar ordem no caos interior de emoções que ainda não dominam, mas que, com a ajuda dos contos, passam a identificar, compreender e aceitar melhor, então por que não auxiliá-las nesse processo?

Só escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a história tem a lhe oferecer com respeito à compreensão de si mesma e de sua experiência de mundo. Só então as associações livres da criança com a história fornecem-lhe o significado mais pessoal, e assim ajudam-na a lidar com problemas que a oprimem. Quando escuta uma história pela primeira vez, por exemplo, uma criança não pode lançar-se no papel de uma figura do outro sexo. É necessário distância e elaboração pessoal de algum tempo antes que a menina possa identificar-se com João em "João e o pé de feijão" e um menino com Rapunzel (BETTELHEIM, 1980, p. 74).

Bettelheim (1980, p. 75) explica que quando uma criança afirma que gosta de um conto de fadas isso significa que “esta história tem algo importante

a lhe dizer - algo que ficará perdido se a estória não for repetida e se não lhe for dado tempo para apreendê-la". Ele adverte que as crianças não costumam ter oportunidade de meditar sobre os contos, pois, apesar de ficarem fascinadas quando eles são lidos para elas nas salas de aula ou bibliotecas, antes que possam reagir à leitura eles são imediatamente seguidos por outra atividade ou estória de um tipo diferente. Isso, segundo o psicanalista, dilui ou destrói a impressão que o conto de fadas criou.

Mas quando o contador dá tempo às crianças de refletir sobre as estórias, para que mergulhem na atmosfera que a audição cria, e quando são encorajadas a falar sobre o assunto, então a conversação posterior revela que a estória tem muito a oferecer emocional e intelectualmente, pelo menos para algumas crianças (BETTELHEIM, 1980, p. 75).

Bettelheim defende que as crianças tenham oportunidade de apropriar-se da estória, de transformá-la em algo de seu pela inclusão das próprias associações. Ele faz um paralelo com as associações livres da psicanálise, que fornecem pistas para entender o que alguns detalhes podem significar para a vida da pessoa e diz que

nos contos de fadas, também, as associações da criança são necessárias para que a estória ganhe sua importância pessoal integral. Aqui, outros contos de fadas que a criança ouviu fornecem material de fantasia adicional, e podem-se tornar mais significativos (BETTELHEIM, 1980, p. 75).

15 - Comentários e interpretações livres antecedem o debate filosófico

Volto a destacar que essa proposta de utilizar os contos de fadas no ensino da filosofia não tem a intenção de transformar as discussões entre as crianças em uma terapia de grupo. No entanto, o efeito terapêutico dos contos não deixa de acontecer de forma indireta, proporcionando-lhes grandes benefícios. Isso ocorre porque elas identificam-se com os dramas vividos pelos personagens e sentem-se motivadas a opinar sobre o destino deles. Assim

conseguem enxergar com mais clareza seus próprios dilemas e dificuldades e vislumbrar soluções para eles.

É importante ressaltar que o efeito terapêutico não é provocado por qualquer interferência do professor, mas apenas pela audição do conto, pelos comentários e pelas fantasias que a criança faz sobre ele após ouvi-lo. A única coisa que o professor precisa fazer para que haja esse ganho psicológico é permitir que as crianças se apropriem da estória, lendo-a para elas quantas vezes for necessário e dando-lhes tempo e liberdade para interpretá-la **à sua maneira**.

Não cabe ao professor perguntar à criança sobre as emoções que a trama despertou nela nem provocá-la a expor sua intimidade dizendo como aqueles fatos se relacionam com a sua experiência de vida. Ela falará se quiser, e não deve ser impedida de fazê-lo caso queira, mas fará isso espontaneamente, quando e se realmente lhe interessar.

O efeito terapêutico ocorre porque a criança fantasia sobre a estória e a torna sua, extraíndo dela seus próprios significados, de acordo com suas necessidades emocionais. Mas ela provavelmente fará isso apenas mentalmente, pois essas meditações e rumações fazem parte de sua vida íntima e se dão de forma pré-consciente, ou seja, ela sequer tem consciência plena delas.

Nesse processo de elaboração interna, a criança pode querer expressar seu pensamento e o professor deve deixá-la falar e fazer associações livres, pois essa é sua tentativa de construir uma interpretação própria da estória. Ele deve permitir que as crianças falem sobre o conto sem tentar impor-lhes uma direção ou corrigir-lhes a argumentação, que, mesmo não sendo bem fundamentada, é espontânea e exprime os pensamentos e as emoções delas.

Só após esgotados os comentários é que ele deve começar a trabalhar filosoficamente um tema, que pode ser o que ele preparou para aquele conto ou um outro que lhe parecer mais importante em função das preocupações externadas pelas crianças.

Quando digo que o professor não deve corrigir a argumentação da criança, isso pode parecer uma heresia se pensarmos na ênfase que Lipman deu a esse aspecto. Não quero dizer que ele estivesse errado, nem que devemos negligenciar essa correção, mas apenas que há um momento certo para fazer isso, e esse momento é o da discussão filosófica, que só ocorrerá em uma segunda fase. Antes de partir para o debate filosófico, temos que dar tempo às crianças para brincarem um pouco com a estória, deixando que a comentem, interpretem livremente e reinventem de acordo com o que julgarem ser a melhor solução para o destino dos personagens, por mais estapafúrdias e fantasiosas que possam parecer suas versões.

É essa liberdade que fará desse momento algo de lúdico e terapêutico, onde elas poderão dizer, sem medo de censura, suas impressões sobre a estória e elaborar um significado pessoal. Se já começarmos pedindo que se expressem com mais correção, mostrando-lhes a falta de lógica e coerência de suas afirmações, podamos sua criatividade e espontaneidade, que são tão importantes para que consigam dar um sentido próprio ao conto, segundo suas reais necessidades emocionais.

O professor não deve tentar extrair delas as fantasias que fazem sobre a estória. Apenas as crianças que sentirem vontade de falar devem participar da discussão, e mesmo essas não devem ser interrogadas pelo professor como se precisassem revelar seus sentimentos secretos. Esse respeito pela privacidade da criança e o fato de deixá-la divagar livremente sobre o conto é que produzirão o efeito terapêutico.

O professor precisa apenas ser sensível e respeitoso, não tem que ser um terapeuta. Ele não vai tratar a criança de doença alguma, nem deve procurar saber o que se passa no inconsciente dela para tentar ajudá-la, como faz um psicólogo. Sua missão nesse momento é apenas dar a ela a oportunidade de conhecer com mais profundidade uma bela estória, que poderá enriquecer sua vida se lhe for dado tempo suficiente para meditar sobre ela **à sua maneira**.

É preciso encarar essa fase de comentários e interpretações livres das crianças sobre o conto como algo lúdico. Qualquer adulto sensível, que goste de brincar com crianças e ouvir com atenção as fantasias que elas fazem sobre o mundo, pode fazer esse trabalho de escuta com elas, que não exige técnica, só amor e paciência.

O debate filosófico só virá em uma segunda fase, depois que a criança tiver se apropriado da estória, ou seja, depois que extrair dela seu próprio significado. Esse significado que a criança dá ao conto é semelhante ao que damos a um romance que lemos. Embora a narrativa seja a mesma, cada leitor cria, a partir dela, sua própria imagem dos personagens e dos lugares descritos, faz uma transposição dos seus sentimentos para o herói e vibra com ele de acordo com suas emoções e fantasias. Não dá para ter duas leituras iguais de um mesmo romance.

Só que quando um adulto lê um romance e chega a alguma passagem que lhe comove, por exemplo, ou que não entende muito bem, tem a opção de relê-la para fruir novamente o prazer que sentiu, ou para prestar mais atenção e compreender o sentido que lhe escapou. A criança também precisa ouvir novamente a estória para ter essas mesmas possibilidades, pois ela não conseguirá captar tudo o que diz o texto sem essas repetições. Pode ser que enquanto a professora lê um parágrafo, ela ainda esteja pensando no anterior, fantasiando sobre as imagens descritas, e muito lhe escapará se for feita apenas uma leitura. Por isso considero importante que o professor leia tantas vezes a estória quantas os alunos lhe pedirem. É claro que estou falando das turmas da educação infantil e dos primeiros anos do ensino fundamental, em que as crianças ainda não estão alfabetizadas ou, se estão, têm dificuldade para compreender o texto sozinhas. As mais velhas podem repetir a leitura por conta própria.

O debate filosófico tomará por tema o que foi comentado pelos alunos no primeiro momento, enquanto interpretavam o conto. Os conceitos que surgiram naquela ocasião e que o professor julgar interessante aprofundar,

principalmente se mobilizaram as crianças ou deram margem a muitas interpretações, podem então ser explorados de forma mais sistemática.

É no momento da reflexão filosófica que o professor poderá pedir às crianças que exponham seus pensamentos com mais clareza, coerência e consistência. Quando falo em coerência e consistência, não quero dizer que se deva proibir o pensamento mágico, baseado em fantasias que muitas vezes sustentam e protegem o bem estar da criança.

Estamos debatendo com base em personagens e acontecimentos oriundos de um conto de fadas, e a criança tem um pensamento animista, então não se pode querer provar a ela, depois que a deixamos brincar com suas fantasias por um momento, que aquela estória que a mobilizou e a ajudou a compreender seus processos internos é uma grande bobagem e que agora é momento de falar sério, ou seja, de estudar filosofia.

Se a filosofia for levada para ela dessa maneira, é melhor então não usar os contos como suporte, pois não é negando a validade deles que se motivará a criança para o debate filosófico. Muito pelo contrário, pois com o mesmo entusiasmo que ela ouviu o conto e deu sua opinião sobre ele, ela rejeitará o debate filosófico se ele, para acontecer, a obrigar a renegar as verdades que encontrou na estória.

O conto deve ser valorizado, mesmo que os fatos nele narrados sejam obra de ficção e possam parecer inconciliáveis com a busca da verdade, a que se propõe a filosofia. Uma das coisas que mais contam a favor dos contos para se trabalhar com crianças, é que eles usam a linguagem das imagens, que é a que elas mais facilmente entendem.

Os contos de fadas descrevem estados internos da mente, por meio de imagens e ações. Como a criança reconhece a infelicidade e a mágoa quando uma pessoa está chorando, assim também o conto de fadas não precisa se estender sobre a infelicidade de uma pessoa. Quando a mãe de Cinderela morre, não contam que Cinderela sofreu pela mãe ou lamentou a perda e se sentiu sozinha, abandonada, desesperada, mas simplesmente que "todos os dias ela ia ao túmulo da mãe e chorava".

No conto de fadas, os processos internos são traduzidos em imagens visuais. Quando o herói é confrontado por problemas internos difíceis que parecem desafiar uma solução, seu estado psicológico não é descrito; a estória de fadas mostra-o perdido numa floresta impenetrável e densa, sem saber que caminho tomar, desesperado de encontrar uma saída. Para todos que ouviram contos de fadas, a imagem e o sentimento de estar perdido numa floresta profunda e escura são inesquecíveis (BETTELHEIM, 1980, p. 190).

No debate filosófico, é importante abordar de forma geral os temas e conceitos a serem discutidos, e não usar exemplos pessoais dados pelas crianças, pois isso deixaria muito constrangido o aluno que virasse alvo da análise e dos comentários do grupo. O melhor seria pautar a discussão em cima dos personagens da estória. Por exemplo: Houve muita indignação pela injustiça cometida pelo gênio, que quis matar o pescador que o libertou da garrafa, onde esteve aprisionado por vários séculos? Pode-se então conduzir o debate filosófico para o tema da justiça.

O gênio da garrafa (personagem do conto com esse nome que faz parte das 1001 Noites) foi mudando, a cada século que passava preso, a sua determinação sobre o que faria com quem o libertasse. Primeiro pensava em premiar seu libertador, mas a raiva foi deixando-o tão revoltado que acabou jurando matar quem o soltasse. De acordo com Bettelheim (1980, p. 38), as crianças se identificam com esse comportamento do gênio porque às vezes também sentem muita raiva quando passam um tempo, que lhes parece enorme, esperando seus pais voltarem para casa.

Sabendo disso, podemos colocar outro tema em discussão: o que é o tempo? O tempo de quem espera ansiosamente pela sua liberdade passa mais lentamente do que o tempo que passamos brincando? Foi justo da parte do gênio querer matar o pescador que o libertou? etc... Esse conto pode proporcionar às crianças alívio emocional para um conflito interno (a raiva que sentem dos pais quando eles demoram, e a culpa por esse sentimento), pois veem que não são os únicos que reagem assim nessas situações. Pode

também permitir uma discussão sobre conceitos filosóficos como tempo, justiça, gratidão e uma investigação ética a respeito do comportamento dos personagens. Tudo sem que a criança tenha que falar de si mesma e expor sua intimidade, pois todo o debate é centrado nos personagens e nos acontecimentos que se desenrolam na trama.

A discussão inicial, que precede a reflexão filosófica, deve ser conduzida pelas crianças, que vão querer comentar suas impressões e interpretações da estória. Nesse momento o professor precisa ter paciência para ficar apenas observando e interferir o menos possível, deixando que elas adquiram confiança de que podem expressar-se livremente e que serão ouvidas com respeito.

Ele deve dar o tempo que elas necessitam para interpretar (ou não) a estória, e essa interpretação não deve ser julgada certa ou errada, falsa ou verdadeira, mas aceita como uma necessidade emocional do momento. Um pensamento confuso pode, em alguns casos, indicar uma resistência em expressar uma ideia que apenas se pressente, mas ainda não foi aceita a nível consciente, e é preciso respeitar isso e não explicitar para a criança o que se advinha que ela pretende dizer. Pode ser a interpretação que ela consegue dar naquele momento, e que, se aceita e respeitada, poderá evoluir para posições mais racionais à medida que ela conhece o ponto de vista dos colegas, passa a compreender-se e aceitar-se melhor, e adquire confiança de que não será censurada.

Nesse sentido a minha proposta difere, em alguns aspectos, da abordagem de Lipman, pois ele insiste que devemos corrigir o pensamento da criança quando este se mostra incoerente, inconsistente e sem fundamento lógico. O meu medo em relação a essa postura é que ela provoque uma inibição na criança que a impeça não apenas de externar sua opinião, mas até mesmo de desenvolvê-la internamente, por considerá-la inválida. Além de inibir a expressão, pelo medo que a criança sente de ser repreendida ou ridicularizada, a insistência em corrigir o pensamento dela pode, com o tempo, fazê-la reprimir o que estava elaborando internamente sobre suas questões pessoais. É como

se o adulto (professor ou pai) reforçasse nela o papel do superego, impedindo-a de reconhecer e integrar as emoções e pensamento do id por considerá-los inapropriados. Nesse caso, o conto deixaria de provocar o efeito terapêutico e liberador, pois as emoções que ele desperta na criança não puderam ser elaboradas em razão da censura.

Lipman, enquanto professor de lógica, dá bastante ênfase em ensinar às crianças o pensamento correto, o que, aliás, faz de forma admirável com a ajuda das suas lindas novelas. Não estou dizendo que ele se limita à lógica, pois também aborda vários temas filosóficos nas áreas da metafísica, ética, estética e epistemologia, e o faz de maneira bem acessível às crianças. Mas para lidar com os contos de fadas, pelo menos no meu entendimento de que eles podem provocar a reflexão filosófica, autoconhecimento e maior equilíbrio emocional, seria contraindicada a metodologia que Lipman recomenda nos seguintes termos:

A educação filosófica tem mais êxito quando incentiva e capacita as pessoas a se envolverem no questionamento crítico e na reflexão inventiva. Em virtude dessa conduta filosófica ser nosso objetivo educacional, nosso problema imediato é: que metodologia de ensino assegurará aos estudantes a produção de ideias mais significativas e o questionamento mais relevante e mais fundamentado?

As condições que satisfazem a essas exigências incluem **um professor que seja provocativo, questionador, impaciente com o pensamento descuidado**, e um grupo de estudantes ávidos por se envolver num diálogo que os desafie a pensar e produzir ideias (LIPMAN, 1997, p. 143, sem grifo no original).

É preciso ter cuidado quando se recomenda esse tom “provocativo, questionador e impaciente com o pensamento descuidado” ao professor, pois ele pode inibir a criança ao tentar corrigi-la o tempo todo. Como equilibrar esse questionamento constante com a liberdade e a confiança que a criança precisa sentir para conseguir, tateando entre as palavras, com seus recursos ainda restritos e rudimentares de domínio da linguagem, expressar suas ideias de forma precisa? Temo que essa ênfase excessiva na correção acabe

transformando-se, na mente infantil, em uma censura e gerando nela uma falta de confiança para defender seu ponto de vista.

No contexto das interpretações livres dos contos de fadas, não se deve insistir tanto na lógica, pois estamos entrando em um terreno onde questões emocionais vem à tona e a comunicação é feita muito com base em intuições que fluem do inconsciente. Corrigir a criança nessa ocasião seria como querer que um escritor surrealista empregue regras da argumentação lógica em pleno momento de devaneio. Isso porque as discussões envolvendo os personagens e acontecimentos dos contos de fadas provocam rumações incessantes na criança, até que ela consiga se apropriar da estória, dando-lhe um sentido que se acomode às suas emoções e experiências.

Bruno Bettelheim (1980, p. 32) afirma que “críticos literários como G. K. Chesterton e C. S. Lewis sentiam que as estórias de fadas eram "explorações espirituais" e, por conseguinte, "muito semelhantes à vida", já que revelam "a vida humana como é vista, ou sentida, ou adivinhada a partir do interior". Concordo com isso, e para evitar que o uso dos contos para o ensino da filosofia retire das crianças o prazer de fazerem suas próprias associações com a estória e os personagens, é importante que o professor se lembre que **essas explorações espirituais só podem ocorrer se feitas pelas crianças** e apenas acompanhadas por ele. A partir do que elas disserem é que se vai escolher e aprofundar um tema, cabendo ao professor aguardar que elas apontem a direção que a discussão filosófica deve tomar.

Quando li *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, ficava me perguntando como seria possível permitir que os alunos pautassem os temas das aulas dentro de um contexto institucional que cobra resultados e aprendizado de conteúdos específicos. Aplicada à filosofia no ensino médio a proposta de Paulo Freire talvez pareça inviável, pois existe a pressão do vestibular logo adiante e a necessidade de cumprir um programa que prepare os alunos para ingressarem na universidade. Mas no ensino fundamental e na educação infantil as aulas de filosofia não precisam ficar presas a programas

nem entrar em uma corrida contra o tempo para conseguir transmitir todos os conteúdos estipulados pelo currículo. Elas podem ser mais prazerosas, criativas e curativas.

Se deixarmos as discussões sobre os contos, em seu primeiro momento, serem conduzidas pelas crianças, poderemos nos surpreender com a riqueza das interpretações que darão da estória. Com a fértil imaginação e criatividade que possuem, se tiverem liberdade para expressar-se, poderão não só interpretar o conto, mas também reescrevê-lo à sua maneira. Criar suas próprias estórias contribuiria para que desenvolvessem as habilidades de redação e seria uma forma adicional de elaborarem os conteúdos do conto de acordo com suas necessidades emocionais. Além disso, ficariam bem motivadas para participar das discussões filosóficas, em razão da identificação já estabelecida com os personagens. Ao discutirem as atitudes deles as crianças estariam, ao mesmo tempo, se deparando com seus próprios sentimentos, aprendendo a conhecer-se melhor e buscando saídas para seus conflitos internos e dificuldades cotidianas.

As crianças necessitam de bastante tempo e liberdade para fazer suas elucubrações sobre as estórias que leem ou ouvem, antes de extraírem delas um significado pessoal. Esse significado vai mudando à medida que elas crescem e amadurecem emocional e intelectualmente, mas em cada momento de suas vidas ele corresponde ao entendimento que elas são capazes de ter da estória e de suas expectativas e necessidades afetivas.

Bettelheim acredita que as estórias de fadas representam, sob forma imaginativa, o processo sadio de desenvolvimento humano, e o tornam atraente para a criança.

Este processo de crescimento começa com a resistência contra os pais e o medo de crescer, e termina quando o jovem encontrou verdadeiramente a si mesmo, conseguiu independência psicológica e maturidade moral, e não mais encara o outro sexo como ameaçador ou demoníaco, mas é capaz de relacionar-se positivamente com ele (BETTELHEIM, 1980, p. 20).

16 - Os pressupostos psicanalíticos e as necessidades infantis

Segundo o psicanalista, como os contos de fadas vêm sendo recontados há séculos, eles foram se tornando cada vez mais refinados e passaram a transmitir significados a todos os níveis da personalidade humana, simultaneamente, de forma que conseguem atingir tanto a mente ingênua da criança quanto a do adulto sofisticado. Além disso, transmitem mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento.

Bettelheim acredita que essas histórias, por lidarem com problemas humanos universais, principalmente os que preocupam a criança, encorajam o desenvolvimento do ego e aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes ao darem validade e corpo às emoções do id e mostrar como satisfazê-las. Em sua opinião, os contos de fadas conseguem fazer isso porque levam a sério as ansiedades e dilemas existenciais infantis como, por exemplo, a necessidade de ser amado e o medo de uma pessoa de não ter valor, o amor pela vida e o medo da morte. Essas qualidades dos contos, segundo ele, não estariam presentes na literatura infantil dita realista (BETTELHEIM, 1980, p.14).

Os conflitos internos profundos originados em nossos impulsos primitivos e emoções violentas são todos negados em grande parte da literatura infantil moderna, e assim a criança não é ajudada a lidar com eles. Mas a criança está sujeita a sentimentos desesperados de solidão e isolamento, e com frequência experimenta uma ansiedade mortal. Na maioria das vezes, ela é incapaz de expressar estes sentimentos em palavras, ou só pode fazê-lo indiretamente: medo do escuro, de algum animal, ansiedade acerca de seu corpo (BETTELHEIM, 1980, p. 18/19).

Segundo Bettelheim, ao tentarem fazer com que as crianças acreditem que todos os homens são bons, os pais acabam induzindo-as a sentirem-se “um monstro a seus próprios olhos”, pois elas sabem que “não são sempre boas e, com frequência, mesmo quando são, prefeririam não sê-lo”. Ele destaca que o

inconsciente é um determinante poderoso do comportamento humano, tanto de crianças como adultos, e alerta para os perigos de reprimi-lo:

Quando o inconsciente está reprimido e nega-se a entrada de seu conteúdo na consciência, a mente consciente será parcialmente sobrepujada pelos derivativos destes elementos inconscientes, ou então será forçada a manter um controle de tal forma rígido e compulsivo sobre eles que sua personalidade poderá ficar gravemente mutilada. Mas quando o material inconsciente tem, em certo grau, permissão de vir à tona e ser trabalhado na imaginação, seus danos potenciais - para nós mesmos e para os outros - ficam muito reduzidos (BETTELHEIM, 1980, p. 16/17).

17 - Não revelar à criança porque ela gosta de um conto

Segundo Bruno Bettelheim (1980, p. 40), “os processos infantis inconscientes só se tornam claros para as crianças através de imagens que falam diretamente ao seu inconsciente. As imagens evocadas pelos contos de fadas assim o fazem”. A criança tem a possibilidade de personificar seus sentimentos destrutivos nos seres imaginários da estória, como gigantes, bruxas e lobos malvados. Isso a ajuda a familiarizar-se com suas emoções negativas. Mas, “como é um conto de fadas proveniente da terra-do-nunca que apresenta à criança estas imagens de comportamento, ela pode oscilar na sua própria mente entre “É verdade, é assim que uma pessoa age e reage” e “É tudo mentira, é apenas uma estória”, dependendo de quão pronta esteja para reconhecer estes processos nela mesma”.

No entanto, muito dessa identificação acontece de forma inconsciente e assim deve permanecer, segundo explica o psicanalista. Ele afirma que mesmo quando o adulto adivinha porque a criança envolveu-se emocionalmente com um conto, é melhor guardar esse conhecimento para si.

As experiências e reações mais importantes da criancinha são amplamente subscientes e devem permanecer assim até que ela alcance uma idade e compreensão mais madura. É sempre invasor interpretar os pensamentos inconscientes de uma pessoa, tornar consciente o que ela deseja manter pré-

consciente, e isto é especialmente verdade no caso da criança. É exatamente tão importante para o bem-estar da criança sentir que seus pais compartilham suas emoções, divertindo-se com o mesmo conto de fadas, quanto seu sentimento de que seus pensamentos interiores não são conhecidos por eles até que ela decida revelá-los (BETTELHEIM, 1980, p. 26).

O autor explica que se o pai indica que já conhece os pensamentos secretos dela sobre a estória, ele a impede de compartilhá-los com ele e ainda dá a impressão de que é capaz de ler seus pensamentos e conhecer seus sentimentos, mesmo antes dela tomar consciência deles. Isso poderia deixar a impressão que o pai possui um poder ilimitado e destrutivo. Além disso, a criança perderia muito do fascínio que sente pela estória, que vem justamente do fato de desconhecer as razões que a deixam tão encantada com a trama.

De acordo com o psicanalista, se explicássemos à criança por que um conto de fadas é tão cativante para ela, destruiríamos não só o encantamento, como também o potencial que ele tem de ajudá-la a lutar e dominar, por si mesma, o problema que fez a estória significativa para ela.

As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da estória, enfrentou com êxito uma situação difícil. Nós crescemos, encontramos sentido na vida e segurança em nós mesmos por termos entendido ou resolvido problemas pessoais por nossa conta, e não por eles nos terem sido explicados por outros (BETTELHEIM, 1980, p. 26/27).

O autor deixa claro que os contos de fadas não retratam fenômenos neuróticos que precisam ser entendidos racionalmente para que possamos nos livrar deles. Os temas dessas estórias, segundo afirma, são apreciados pela criança porque ela se sente compreendida ao ver seus sentimentos, esperanças e ansiedades retratados, mas isso não significa que eles tenham que ser investigados racionalmente. “Os contos de fadas enriquecem a vida da criança e dão-lhe uma dimensão encantada exatamente porque ela não sabe

absolutamente como as estórias puseram a funcionar seu encantamento sobre ela” (BETTELHEIM, 1980, p. 26/27).

Então, como poderíamos trabalhar filosoficamente os contos sem quebrar esse encantamento que eles criam na criança, sem dissecá-los analiticamente durante as discussões? Este encanto não será quebrado porque o professor não vai analisar nem interpretar os contos para os alunos. Se ele respeitar a necessidade deles de explorarem por si mesmos os mistérios que vislumbram na estória, estará permitindo que essa magia continue motivando-os a investigar o que tentam encontrar, ou seja, o significado que a estória pode trazer para suas vidas.

E como poderiam ser terapêuticas as discussões sobre os contos sem que se transformassem em uma sessão de terapia de grupo? Como já expliquei, mas nunca é demais ressaltar, isso é possível porque **não se pretende explicitar para as crianças, nem incentivá-las a descobrir por conta própria, as razões que as fazem identificarem-se com um determinado conto e seus personagens e a emitir certas opiniões sobre eles**, embora isso possa ficar evidente para o professor que conduz a discussão. Se isso fosse feito, o poder terapêutico da identificação seria eliminado e a criança sairia fragilizada, tentando inclusive negar para si mesma a projeção e a existência das suas dificuldades apontadas pelo professor.

Uma criança a quem se dá consciência daquilo que as figuras dos contos representam na sua própria psicologia será roubada de muito escape necessário, e arruinada por ter que perceber os desejos, ansiedades e sentimentos vingativos que a estão devastando. [...] (BETTELHEIM, 1980, p. 73).

Para que o conto de fadas tenha uma externalização benéfica, a criança deve permanecer desinformada das pressões inconscientes às quais está respondendo quando torna suas as soluções das estórias de fadas (BETTELHEIM, 1980, p. 74).

Só para exemplificar, no conto da Branca de Neves, se o professor percebe o quanto uma menina gosta da estória e se envolve calorosamente na discussão sobre a relação entre a rainha e a heroína, não cabe a ele tentar

investigar como é o relacionamento dela com a mãe, para saber se há muita rivalidade entre as duas. Muito menos deixar a criança perceber que ele está associando o interesse dela na estória a esse motivo. Primeiro, porque ele não tem que interferir na resolução do conflito edípico da aluna, já que não é psicólogo, e mesmo que fosse, a sala de aula não é local para se fazer terapia, ainda que o professor seja, de fato, um psicólogo cheio de boas intenções. Segundo, porque não se leva para crianças esse tipo de informação, como faz a psicanálise com os adultos.

Falar com a aluna sobre essa questão, além de deixá-la fragilizada emocionalmente, seria muito invasivo e anularia todo o efeito terapêutico que o conto pudesse trazer para ela. Por isso, as discussões precisam ser focadas nos personagens e nas situações vividas por eles, e o professor não deve procurar estimular as crianças a fazerem analogias entre a estória e sua experiência pessoal. Ele também não precisa censurar o aluno que, espontaneamente, estabelecer essa ligação e quiser partilhar sua experiência durante a discussão. O fato de a criança trazer suas dúvidas em relação a um problema vivido pelo personagem e reconhecer que aquela situação a preocupa particularmente é sinal de que consegue falar sobre o assunto sem sofrimento. Mas não cabe ao professor tentar tirar dela mais confidências do que as que ela tem disposição de fazer espontaneamente.

Bruno Bettelheim afirma que os aspectos fantasiosos dos contos de fadas podem ser análogos ao que acontece nos sonhos dos adolescentes ou adultos, mas não se assemelham aos sonhos das crianças. Isso porque os sonhos dos adultos fazem sentido quando analisados e permitem entender o que preocupa a mente inconsciente da pessoa, ajudando-a a ter uma compreensão melhor de si mesma. Mas a criança, afirma o psicanalista (1980, p. 70) não pode e não deve ter seus sonhos analisados porque eles têm um conteúdo inconsciente que não foi moldado pelo ego. “As funções mentais mais elevadas mal entram na produção de seu sonho”, que é muito simples: os desejos são realizados e as ansiedades recebem uma forma identificável.

O ego de uma criança ainda é fraco e em processo de construção. Particularmente antes da idade escolar, a criança tem que lutar continuamente para impedir que as pressões de seus desejos sobrepujem sua personalidade total - uma batalha contra os poderes do inconsciente que ela perde com mais frequência do que ganha (BETTELHEIM, 1980, p. 70).

Ele explica que, embora essa luta continue durante toda nossa vida e que tenhamos que trabalhar também contra as tendências irracionais do superego, à medida que amadurecemos adquirimos maior capacidade para impedir que o inconsciente predomine sobre o consciente. “O repertório do ego para lidar com o id e o superego torna-se mais variado, e o indivíduo mentalmente sadio exerce, no curso normal dos eventos, um controle efetivo sobre sua interação” (BETTELHEIM, 1980, p. 70/ 71).

Numa criança, contudo, sempre que seu inconsciente vem à tona, imediatamente engolfa sua personalidade total. **Longe de ser fortificado pela experiência de seu ego reconhecer o conteúdo caótico do inconsciente, o ego da criança fica enfraquecido por um contato direto deste tipo porque é esmagado.** Por esta razão a criança tem que externalizar seus processos internos se quer obter alguma posse - para não mencionar controle – deles. **A criança deve, de alguma forma, distanciar-se do conteúdo de seu inconsciente e vê-lo como algo exterior a ela, para conseguir algum tipo de domínio sobre ele** (BETTELHEIM, 1980, p. 71, sem grifo no original).

Esta externalização dos processos internos, segundo Bettelheim, ocorre não só quando a criança projeta-se nos personagens dos contos de fadas, mas também durante as brincadeiras infantis, quando ela transfere para bonecas e animais de brinquedo aspectos da sua personalidade que são muito complexos, inaceitáveis e contraditórios para ela enfrentar.

Isto permite que o ego da criança consiga algum domínio sobre estes elementos, o que ela não pode fazer quando solicitada ou forçada pelas circunstâncias a reconhecê-los como projeções de seus processos internos. [...] (BETTELHEIM, 1980, p. 71).

Ajudar a criança a se tornar consciente do que o animal ou boneca representa para ela e do que está dramatizando na sua brincadeira - como aconteceria na psicanálise do adulto com o material de sonho - joga a criança numa profunda confusão além

da sua idade. A razão é que a criança ainda não possui um sentido seguro de identidade (BETTELHEIM, 1980, p.72).

Por isso é importante deixar que a própria criança faça as associações entre a estória e sua vida (quando for o caso, pois alguns contos não lhe provocarão empatia) e não tentar induzi-la a isso. As situações vividas pelos personagens poderão auxiliá-la a compreender e resolver seus próprios conflitos, desafios e dúvidas, mas não é nossa intenção provocar essas reflexões nela.

O que acabo de dizer pode parecer contraditório com a defesa que venho fazendo até aqui do uso dos contos de fadas, mas é preciso ficar claro que o objetivo maior desse projeto interdisciplinar é o ensino da filosofia. Embora minha intenção seja também que as crianças tenham a oportunidade de conhecer os contos de fadas, não só pela qualidade literária deles como também pelos efeitos terapêuticos que podem lhes proporcionar, o que pretendo fazer é utilizá-los para motivar as discussões filosóficas, em razão do fascínio que eles exercem sobre as crianças e da riqueza de temas que apresentam para as nossas reflexões.

Tais temas são, principalmente, relacionados a questões existenciais que, em minha opinião, são os que as crianças mais gostariam de aprofundar, pois elas estão constantemente à procura de respostas para inúmeras perguntas que fazem sobre si mesmas, a natureza humana, e as relações sociais. Estão formando sua identidade, tentando entender como o mundo funciona e como se adequar a ele. Precisam aprender a lidar com a instabilidade das suas emoções e as constantes exigências dos adultos, que elas nem sempre conseguem compreender. Ainda não conhecem as regras de conduta social e vivem a se perguntar por que seu comportamento é tantas vezes censurado e sua liberdade tolhida.

Se, além de um motivador para ensinar filosofia, conseguir também que essas obras despertem nelas o amor pela boa literatura e um maior conhecimento de si mesmas, será excelente. Mas a ênfase não é na literatura

nem na psicologia, e sim na reflexão filosófica. Entendo que a fronteira entre a psicologia e a filosofia da existência é muito tênue e, por isso, algumas pessoas podem imaginar que o propósito desse trabalho é terapêutico, no sentido de tratar patologias, mas não é. Nem poderia ser, pois visa à sala de aula e a uma abordagem por professores que não têm conhecimento na área de saúde mental.

Se dediquei tanto espaço aos aspectos psicológicos infantis foi em razão do meu interesse em conhecer melhor as necessidades emocionais das crianças para que as discussões filosóficas sejam pautadas nelas, pois sei que, nessa fase da vida, privilegiar o desenvolvimento intelectual e negligenciar o lado afetivo só pode levar ao fracasso de qualquer abordagem pedagógica.

Também quis demonstrar que os contos de fadas, pelas suas qualidades literárias e pelos benefícios psicológicos que proporcionam às crianças, podem despertar nelas, desde cedo, o gosto pela leitura e ainda ser um excelente instrumento didático para o ensino da Filosofia. O que pretendo é que a reflexão sobre a condição humana, com base nessas estórias, contribua para que as crianças consigam situar-se melhor no mundo, descubram quem são e o que querem para si mesmas.

18 - Contos como obras de arte

Além do benéfico impacto psicológico dos contos de fadas sobre as crianças, outra vantagem de utilizá-los como material didático para as aulas de filosofia é que são verdadeiras obras de arte, testadas durante séculos de transmissão oral de geração em geração, e nesse longo processo foram sendo aperfeiçoados pelos contadores, após observarem as reações das crianças ao ouvi-los. Bettelheim destaca também o fato de que se pode extrair deles diferentes significados:

Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A

criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos (BETTELHEIM, 1980, p. 20/21).

O psicanalista afirma que investigadores de profunda orientação psicológica consideram que um dos grandes atrativos desta literatura é que ela exprime o que normalmente impedimos de chegar à consciência. Eles enxergam muitas semelhanças entre as realizações fantásticas dos mitos e contos de fadas e os sonhos e devaneios adultos, nos quais os desejos são realizados, os rivais derrotados e os inimigos destruídos..

Nós não podemos controlar o que se passa em nossos sonhos. Embora nossa censura interna influencie o que podemos sonhar, este controle ocorre num nível inconsciente. O conto de fadas, por outro lado, em grande parte resulta do conteúdo comum consciente e inconsciente tendo sido moldado pela mente consciente, não de uma pessoa em especial, mas do consenso de várias a respeito do que consideram problemas humanos universais, e o que aceitam como soluções desejáveis. Se todos estes elementos não estivessem presentes num conto de fadas, ele não seria recontado por gerações e gerações. Só quando um conto de fadas satisfazia as exigências conscientes e inconscientes de muitas pessoas ele era recontado repetidamente e ouvido com grande interesse (BETTELHEIM, 1980, p. 46).

19 - Limitações

Mas Bruno Bettelheim adverte que apesar de os contos de fada serem tão significativos para as crianças, ajudando-as a lidar com os problemas psicológicos do crescimento e da integração da personalidade, eles têm algumas limitações. A primeira é que hoje apenas um pequeno número deles é amplamente conhecido. A segunda é que mesmo entre aqueles que continuam populares, muitos foram reduzidos e simplificados, o que retirou deles grande parte da sua beleza e encantamento.

O verdadeiro significado e impacto de um conto de fadas pode ser apreciado, seu encantamento pode ser experimentado, apenas com a estória na sua forma original. Descrever os traços significativos de um conto de fadas transmite tão pouco sentimento pelo que está ocorrendo quanto uma lista dos incidentes de um poema faria para sua apreciação (BETTELHEIM, 1980, p. 28).

A maioria das crianças agora conhece os contos de fadas só em versões amesquinhas e simplificadas, que amortecem os significados e roubam-nas de todo o significado mais profundo - versões como as dos filmes e espetáculos de TV, onde os contos de fadas são transformados em diversão vazia (BETTELHEIM, 1980, p.32).

Em um programa de filosofia para crianças utilizando os contos de fadas seria necessário adotar apenas contos em sua versão original, e não apenas os mais populares. Para isso, talvez fosse necessário traduzir para o português alguns que não estão disponíveis em nossa língua na versão integral.

20 - Conclusão

O que uma mãe sonha para seus filhos? Que educação dar a eles? Como incentivá-los a ler desde pequenos e fazer com que tenham prazer em aprender? Será possível deixar essas tarefas a cargo da escola apenas? Será que os professores, preocupados em ensinar várias disciplinas de uma grade curricular extensa, terão tempo e disposição para dar essa educação que sonho para os meus filhos?

O que quero para eles? Uma cabeça que se compare a uma enciclopédia? Não, não é de informações catalogadas no cérebro que eles precisam. Para isso basta ir a uma biblioteca. O que quero para eles é que amem o saber, que tenham prazer em aprender. Que investiguem o que não sabem, não porque terão uma nota por sua pesquisa, e sim porque querem saber.

Aprender não pode ser uma tarefa enjoada e fastidiosa. É coisa que toda criança sabe, mas que nós, adultos, lhe fazemos esquecer. Aprender é bom e gostoso, e não quero que a escola tire essa certeza dos meus filhos. Esse amor pelo saber, que toda criança e filósofo têm, é a semente que quero fazer germinar no coração deles.

Mas saber o que? Aprender para que? Para ter um bom emprego? Um bom salário? Também, mas não só isso. Consumir é bom e todos nós queremos, mas não é só para ganhar dinheiro quando forem adultos que devem estudar. Então para que? Por que é bom, ora essa! Só porque é bom e gostoso.

E o que uma criança gosta de aprender? Será que a escola vai deixá-la aprender o que ela gosta? Acho que não. Aliás, tenho quase certeza que não. Por isso, preciso criar uma rede de proteção para elas. Tenho que ajudá-las a encontrar o saber que querem para si. Mas que saber é esse? Como descobrir o que uma criança quer e acha que precisa saber? Ora, eu não sou mais criança, e se for me meter a imaginar o que elas gostariam de saber, não vou descobrir, simplesmente porque sou adulta.

Então como fazer? Se elas vivem fazendo perguntas que eu não sei responder, então como posso querer descobrir o que mais elas querem saber? Uma coisa eu sei sobre elas: é que adoram perguntar. Está certo, mas que perguntas elas fazem que eu deva levar mais em conta para criar essa rede de proteção?

Por onde começar a minha investigação sobre a curiosidade infantil? Uma coisa eu sei que elas gostam de saber: “Por que eu nasci, mãe?” Por que querem saber isso, se nem a gente sabe a resposta? Tudo bem, só posso dizer que ele nasceu porque eu e seu pai queríamos que ele viesse ao mundo. Mas aí vem outra pergunta: “Por que vocês queriam?” Ora, todo casal, ou quase todo, quer ter filhos, e nós também queríamos.

Respondi? Não, não respondi. Pelo seu olhar, vi que não era isso o que ele queria saber. Mas não soube formular melhor a questão. Então imaginei, pela sua cara de decepção com a minha resposta, que sua pergunta devia ter

um sentido mais amplo, do tipo: porque nascemos nesse mundo? Para fazer o que? O que dá sentido a essa vida? O que faz a vida valer a pena?

Meu Deus, será que meu filho acha que sua vida não tem sentido? Santa Maria, será que ele está em depressão? Não, não é bem isso, digo para mim mesma, tentando me acalmar. Tantos filósofos já se fizeram essa pergunta que deve ser normal que as crianças também perguntem isso. Devo me preocupar com sua saúde mental por causa dessa pergunta? Ai, meu Deus, será que esse menino quer mais alguma coisa, além do que nós já lhe damos, para encontrar sentido em sua vida?

Vou levá-lo a um psicólogo. Será? E se o psicólogo rir de mim? Será normal criança perguntar por que ela nasceu? Será que há risco de depressão? Será que a vida lhe parece sem sentido? É culpa minha? O que eu fiz de errado? Será que estou sendo negligente? Ou toda criança quer saber por que veio ao mundo?

Ah, meu Deus, como entender as crianças? O que elas querem? Já nem me lembro mais, afinal, faz tanto tempo que deixei de ser criança... Por que elas tinham que me lembrar como era? Estava tão bom ter esquecido todas aquelas angústias infantis! Tudo bem, vou ter que relembrar para poder conversar com meus filhos, pois eu também já me fiz essas perguntas um dia. Só que de tanto ouvir “não sei”, parei de perguntar. Já que os adultos não sabem, como é que eu vou saber? Eles deveriam saber, não é mesmo? Afinal, viveram muito mais do que eu e até hoje não sabem por que nasceram... Se até hoje não encontraram resposta para essa pergunta, então deixa para lá, eu também não vou achar. Deve ser mesmo uma pergunta boba. Vamos para a próxima: Por que Deus existe? Nunca me disseram por que, só que ele existe. Será mesmo? Como podem saber, se nunca o viram? Esses adultos nunca dão a resposta completa. Tudo o que eu pergunto ou eles não sabem ou acham que é besteira minha perguntar. Acho que faço perguntas demais. É melhor esquecer essas besteiras. Eles não levam nada a sério mesmo. Então vou brincar de outra coisa, pois perguntar só cansa os adultos. Eles ficam chateados por não saberem a

resposta, e como já sei que não sabem, é melhor deixar pra lá. Afinal, quem poderia responder minhas perguntas? Outra criança? Duvido. Elas também são tão ignorantes quanto eu.

Enfim, crianças querem respostas, e nós não as temos. Mandá-las buscar na Internet? Nem pensar. Como vão descobrir respostas para essas perguntas no Google? É melhor mandá-las brincar e pensarem em outra coisa. Um dia elas se viram e acham essas respostas nos livros de religião ou filosofia, se tiverem saco e paciência para procurar.

Ah, ia me esquecendo, estou me formando em filosofia e se até hoje não achei, então é pouco provável que elas encontrem as respostas nesses livros. Mas então aonde? Não sei. Meu Deus, como fazer para educar meus filhos? Eles vivem nos perguntando tantas coisas que não sabemos responder! Nossa tendência é querer distraí-los para que não esquentem a cabeça com essas questões metafísicas, que tantos filósofos tentaram inutilmente responder. O jeito é deixar pra lá. Um dia eles chegam à conclusão de que eu não sei as respostas e param de me perguntar.

Mas, coitados dos meus filhos! Como deixá-los sem respostas e não me sentir culpada? Afinal, se estou me formando em filosofia, deveria saber responder a essas perguntas de crianças, não é mesmo? Acontece que pergunta de criança e de filósofo é muito parecida, pois para quase todas elas não se encontram respostas. Nem na internet nem nos livros. Morremos com esses pontos de interrogação martelando nosso cérebro.

Até quando as crianças vão ter que nos lembrar o quanto somos ignorantes? Por que não se calam, ora essa? Será que ainda não perceberam que não gostamos de parecer ignorantes aos seus olhos? Tinham que ter um pouco de compaixão pelos seus pais. Não adianta, por maior que seja minha impotência, não posso cruzar os braços e me conformar em deixá-las no limbo da ignorância. Alguma educação preciso dar a elas. Mas qual?

Se percorressem o caminho que tantos fizeram, talvez sentissem certo consolo e dissessem para si: “Eu não sou o único que não sei por que nasci.

Caramba, quanta gente também já se perguntou isso e não encontrou a resposta! É, está certo, minha mãe não é tão burra por não saber. Outros também se perguntaram e nunca encontraram a resposta”.

É, acho que o único jeito vai ser por esses meninos para estudarem filosofia. Mas eles são tão pequenos! Como vão ler Kant, por exemplo? Não chegam ao final de um parágrafo e já perderam o fôlego. Correm para jogar bola no quintal, entediados, e nunca mais querem ouvir falar em filosofia. Ah, então porque não lhes dar uma coisa mais fácil, tipo uma história em quadrinhos? Tudo bem, eles se divertem um pouco, mas dali a pouco vão querer que eu lhes diga em que dia Deus nasceu e quem inventou a lua.

É melhor uma literatura que os faça refletir sobre a existência, mas seja mais fácil do que Sartre ou Heidegger. Então o que dar para esses meninos pararem de me fazer pergunta difícil? Acho que vou lhes dar um vídeo game, que é melhor. Eles se distraem e eu não tenho mais que me sentir tão ignorante. Mas aí eles não aprendem muita coisa, e eu quero que meus filhos tenham uma boa educação.

Deixar por conta deles sozinhos não dá, pois não vão achar suas respostas sem ajuda. Então é melhor dar alguma coisa que eles entendam, como, por exemplo, contos de fadas. Aí eles aprendem que outras crianças da sua idade também já ficaram com essas conversas de buscar sentido para as coisas da vida. Quem sabe eles encontram? Se não encontrarem, pelo menos param de me perguntar, porque já vão perceber que eu não sei mesmo. Então é melhor dar contos de fadas, pois assim eles vão ficar bem entretidos e eu não vou ter mais a consciência pesada, pois estarei, pelo menos, lhes dando algo de divertido para lerem, para gostarem de ler.

É isso, se gostarem de ler esses contos, vão entreter-se com as perguntas que os personagens se fazem, vão ver que eles não são as únicas crianças perdidas na floresta desse mundo, e aí não ficam tristes nem decepcionados com a mãe que não sabe sequer lhes responder por que vieram

ao mundo. Quem sabe nos contos de fadas eles encontram as respostas que eu não sei lhes dar?

Ah, deixa pra lá, acho que contos de fadas são muito fantasiosos, e aí é que eles vão viver mesmo no mundo da lua. Mas será que eles se distraem com eles? Acho que sim. Vou tentar. Então vêm cá, meus filhos, eu vou contar pra vocês uma estória sobre crianças perdidas na floresta, como vocês parecem estar agora, e vamos ver como elas conseguiram encontrar o caminho de volta para casa. Será que vocês vão gostar dessa estória?

Ah como eu gostava delas, então acho que vocês também vão se encantar. Mas não se preocupem com os monstros e bichos malvados que aparecem, porque no final todos eles se dão mal. Vamos fazer o teste. Se eles pararem com suas perguntas é porque a estratégia foi boa. E então, meus filhos, gostaram da estória?

- Mãe, por que eu tenho que sair cedo para escola todo dia e não posso ir passear na floresta, como a chapeuzinho vermelho?

Ai meu Deus, a coisa não resolveu, só fez piorar. Acho que conto de fadas não é uma boa. Mas é melhor do que deixá-los na frente da TV vendo programas que não prestam, não é mesmo? Pelo menos, com um livro na mão eles podem tomar gosto pelos estudos, e é isso o que eu quero. Que sejam cultos e instruídos, e que não achem que estudar é chato, como muita criança acha.

Eu vou é de contos de fadas mesmo. Quem sabe os contos dão a eles o gosto pela literatura e, assim, um dia eles conseguem ler Joyce? Ah meus Deus, seria tão bom ter filhos que conseguem ler James Joyce! Como eu iria me orgulhar deles! Um dia eu chego lá.

Vou ficando por aqui, pois já disse por que resolvi aliar contos de fadas com filosofia. Assim meus filhos podem ler livros legais, que eles gostem e achem divertidos, e esses livros ainda os ajudarão a encontrarem mais sentido em suas vidas. E também eles não me farão mais tantas perguntas, pois poderão encontrar as respostas por eles próprios, observando como outras

crianças reagiram diante de dificuldades parecidas com as deles. Esses garotos e garotas perdidos nas florestas, buscando príncipes e princesas, tentando ganhar reinados encantados, eles não encontram sempre um mundo colorido que lhes faz entender porque vieram a esse mundo?

É isso que quero para os meus filhos. Que eles encontrem seus reinos encantados, mesmo que sejam como uma promessa para o futuro, quando crescerem e acharem suas donzelas e seus príncipes. Assim eles ficam felizes e vêem que tudo sempre acaba bem, mesmo quando temos tantas dificuldades para responder às perguntas difíceis. Se eles não tiverem uma resposta à altura das suas curiosidades e capacidades de compreensão, vão querer que eu ache uma, e eu não sei. Não tenho as respostas que eles procuram. Só eles podem procurá-las e encontrá-las. Sei que eles vão achá-las, tenho fé que sim, e então eu vou ficar feliz porque não precisarei mais olhá-los com cara de interrogação, me perguntando se eles são normais ou se nasceram com o gene torto dos filósofos.

Vou deixar a busca por conta deles. Nesses livros têm histórias demais para eles fazerem suas pesquisas sobre a vida. Se não acharem neles, vão passando para outros mais difíceis à medida que crescerem. Quem sabe até lêem *Ulisses*, de James Joyce, na íntegra, como eu nunca consegui ler, e concordem com os entendidos de que é uma obra prima da literatura. Então eu vou me orgulhar e dizer para mim mesma: que bom que eu dei contos de fadas para eles lerem quando eram pequenos, em vez de um vídeo game, senão eles hoje estariam fazendo qualquer coisa, menos lendo *Ulisses* e achando bom.

E, no futuro, acho que eles ainda vão me agradecer por eu não ter sabido responder suas perguntas. Se eu tivesse sabido, eles não teriam procurado as respostas por tantos anos nos livros de filosofia. Ao menos a minha ignorância serviu para que eles se tornassem cultos e passassem a vida lendo todos os filósofos para ver se encontravam algum que soubesse responder suas perguntas infantis. Será que acharão? Talvez não, mas pelo menos aprenderão as respostas que eles deram para elas. Não é tudo, mas já é alguma coisa, pois

uma das lições que eles vão aprender com a filosofia é a da humildade, pois verão que ninguém consegue responder a essas perguntas de crianças, nem quando se torna adulto e passa anos pesquisando e escrevendo livros de filosofia.

Perguntas de crianças, como perguntas de filósofos, nos entretêm durante toda uma vida, mas nunca temos respostas definitivas para elas, e isso talvez eles aprendam depois de buscar nos livros as respostas que não dei. Mas vou tentar, ao menos, lhes mostrar o caminho das pedras. Vão por aqui, meus filhos, continuem investigando que vocês um dia encontrarão suas respostas. Elas podem não ser as de todo mundo, mas cada um vai encontrar a sua, aquela que só você encontrará para as questões da sua vida, que não são as mesmas da minha, porque sua vida é única, e só pode ser vivida por você.

Enquanto vocês continuarem me fazendo perguntas eu ficarei feliz, pois saberei que continuam vivos. Só não quero vê-los calados, ressabiados em perguntar, com medo de serem taxados de ignorantes pelos ignorantes que encontrarem no caminho. Pois só não pergunta quem morreu ou acha que sabe tudo. E quem acha que sabe tudo na verdade não sabe nada. É apenas um arrogante com ares de sábio.

Comecem então pelas histórias contadas para crianças, pois nelas vocês verão que outros da sua idade tiveram os mesmos medos e fantasias. Subiram em pé de feijão mágico, lutaram contra gigantes, construíram casas para se proteger de um lobo mau que queria devorá-los, viajaram sozinhos por florestas densas e impenetráveis, procuraram suas princesas até encontrá-las e descobriram que a vida é uma aventura deliciosa que acaba sempre com um final feliz.

Vocês podem um dia rir dessas histórias, se divertirem lembrando as fantasias que tiveram quando as leram, mas elas terão sido o atalho que os levou a encontrar o prazer da leitura e de procurar nos livros as respostas que eu não soube lhes dar.

Unir filosofia e literatura, para crianças tão pequenas, pode ser um passo de gigante, e isso vocês verão um dia, quando lembrarem que foi com esses personagens que vocês compartilharam seus dilemas existenciais e puderam resolvê-los ou atenuá-los, em vez de sufocá-los, como quase todo mundo faz. Seus heróis também são meninos e meninas, e eles têm mais respostas para as suas dúvidas de criança do que eu, adulta, teria para lhes dar.

Essas dúvidas precisam ser investigadas, e se vocês não tiverem com quem compartilhá-las, vão acabar desistindo delas, e isso seria triste. Não acreditem quando lhes disserem que vocês perguntam demais. É quem não sabe as respostas que responde assim. Quem quer saber continua perguntando e não desiste das suas questões. Foi para vocês não desistirem de perguntar que escrevi essa monografia. Por que nela vi uma saída para vocês continuarem sendo meninos e sendo filósofos, como somos todos nós antes que nos calem, convencendo-nos de que fazemos perguntas demais.

Vocês vão saber que, se não pararam de perguntar, foi porque encontraram quem ouvisse suas perguntas, e esse alguém foi o seu herói do conto de fadas, que, como vocês, estava cheio de dúvidas e medos que os adultos não podiam entender. Com a ajuda de todos os seus heróis, dos inúmeros contos de fadas que ainda vão ler, talvez vocês encontrem saídas para os dilemas da sua infância.

Vamos recomeçar de onde paramos? Então fica assim, vocês lêem suas histórias e nós conversamos sobre o que vocês quiserem saber a respeito delas, certo? Assim fica mais fácil, pois vocês dão nome aos bois e a pergunta desce das esferas siderais para a terra firme. Negócio fechado? Então tá, ficamos combinados. As perguntas que não pudermos responder nos nossos debates filosóficos sobre os contos de fadas a gente pesquisa para ver se algum filósofo já refletiu sobre elas. Boa idéia, vocês não acham? Assim vocês também vão aprender a gostar de filosofia! Não é genial?

Quando é que uma criança ia querer saber de filosofia se não fosse para responder às perguntas que ela mesma faz e não sabe responder? Achei a

solução para dar uma boa educação humanística aos meus filhos e ainda ajudá-los a resolver seus porquês. Só que vai dar um pouco de trabalho. Tenho que colecionar esses porquês e ir atrás dos mestres do passado para ver que respostas eles dariam aos meus filhos. Hum, acho que é melhor desistir, porque isso vai me consumir alguns anos de pesquisa. Mas tudo bem, só assim eu estudo filosofia e deixo de preguiça.

Quantos anos será que vou levar para pesquisar respostas para todas as perguntas dos meus filhos? Isso vai tomar tempo... Primeiro porque são muitas perguntas, e segundo porque são muitos filósofos. Não posso chegar para a minha prole, curiosa como ela é, e dar a resposta apenas de um filósofo, pois sei que ela não vai se contentar com uma só resposta, ainda mais sabendo que ela não é definitiva e que há controvérsias sobre a questão.

Então mãos à obra! Primeiro vou ter que colecionar as perguntas, e depois colecionar os filósofos que ousaram respondê-las, já sabendo que terei que traduzir a linguagem deles para meus meninos entenderem. Isso é que é trabalho de Hércules. Como fazer essa tradução sem trair o autor? Será que dou conta? É isso que pretendo fazer daqui para frente, pois já sei que depois de lerem muitos contos de fadas eles vão colecionar mais perguntas ainda, e como não tenho as respostas, vou ter que procurar quem nos ajude.

Só assim acho motivação para pesquisar, em mais de dois milênios de tradição filosófica, algumas dicas para os meus filhos resolverem suas questões. Até a próxima, caro leitor.

Bibliografia

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980

LIPMAN, Matthew. **Filosofia na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1997

_____. **Filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus Editorial, 1990

GRIMM, Jacob e Wilhelm. **Contos de Grimm: Obra completa em dois volumes**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005